

O TIRO CIVIL

ANNO IX — N.º 256

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA, NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Anselmo de Sousa

DIRECTOR

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

da União Velocipedica Portugueza, Escola Nacional de Natação, Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto
e da Associação dos Caçadores Portuguezes

Eduardo de Noronha

GERENTE

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

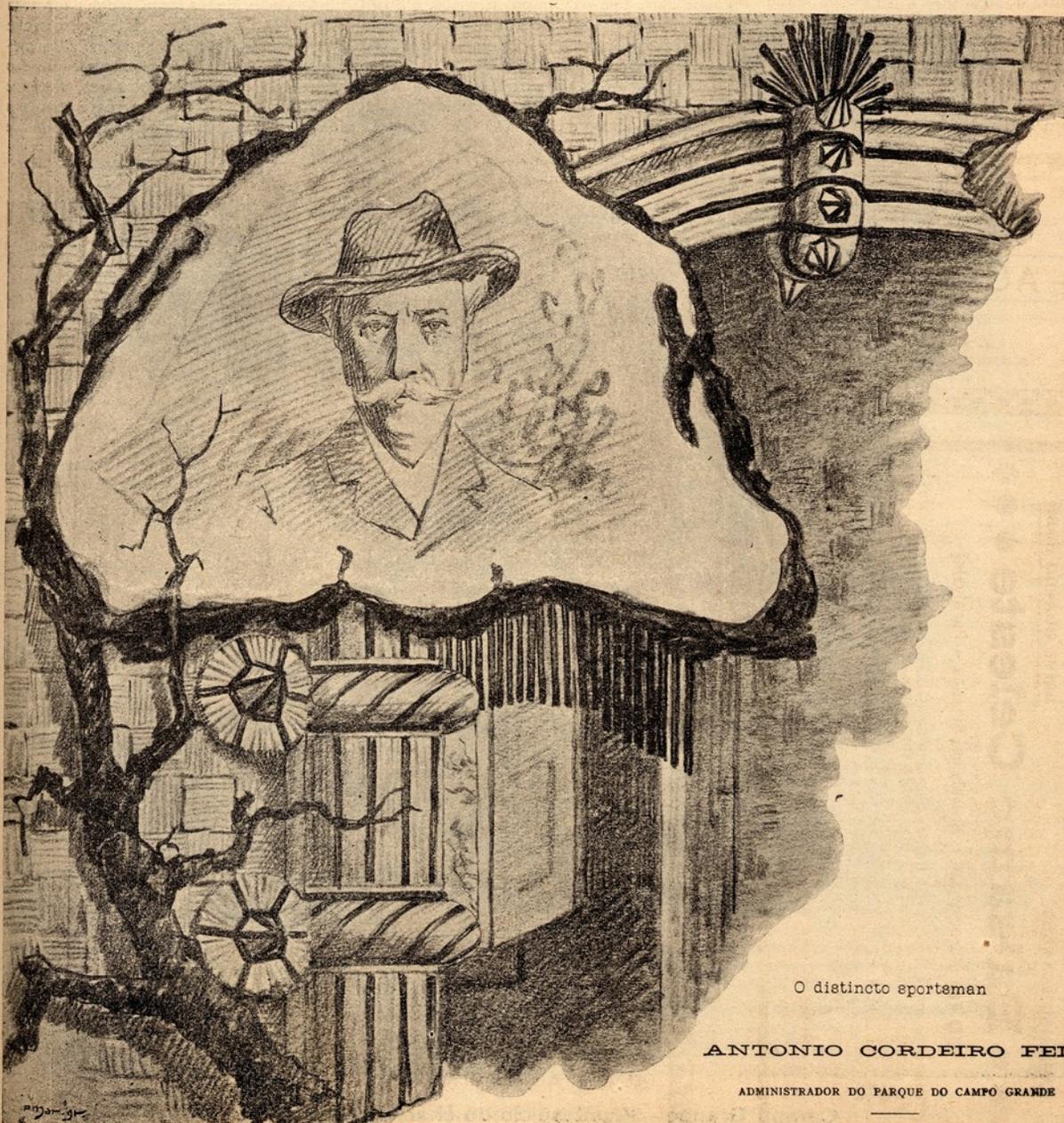
Domingo, 1 de abril de 1903

Redacção e administração

Rua do Crucifixo, 19, 1.º

LISBOA

O PARQUE DO CAMPO GRANDE



O distincto sportsman

ANTONIO CORDEIRO FEIO

ADMINISTRADOR DO PARQUE DO CAMPO GRANDE

(Copia a carvão do retrato a oleo existente no interior do Chalet das Cannas).

CAMPO GRANDE

Quando ha dez annos, a bordo d'um *Steamer* inglez que nos conduzia a longiquas terras com toda a possante força dos seus 800 cavallos de vapor e, depois de termos visto perderem-se na bruma azulada d'uma tarde d'Agosto as sete montanhas que servem de pedestal á mui nobre e gloriosa capital lusitana, no dirigiamos para a *cabine* que nos estava reservada, uns estrangeiros agrupados sobre o convés e que ainda ali se conservaram por muito tempo, não obstante a grande distancia a que ja estavamos da terra, conversavam entre si fazendo umas observações que não podiam deixar de despertar a nossa attenção.

«Os portuguezes, dizia um d'elles, são o cumulo do mau gosto. Não é culpa d'elles se o ceu ainda é azul e o sol claro e brilhante. Se isso estivesse na sua alçada o céu estava ha muito deteiorado e o sol já tinha perdido os seus magníficos e beneficentes raios.»

Um outro, que tinha sem duvida lido a

acerva e mercenaria critica sobre Lisboa, por um Armand Dayot qualquer, acrescentava:

«Dizem que a cidade é empestada pelos terríveis odôres que sobem das boccas dos esgotos, onde as aguas e os detritos de toda a especie se agglomeram e estagnam por falta de escoante para o Tejo; que as ruas lamacentas e infectas não foram reparadas desde o terremoto de 1755, etc., etc.»

E' possível, e mesmo certo, que uns e outros tivessem razão ha dez ou quinze annos.

Hoje, porem, ao voltar de novo ao nosso saudoso paiz, não podemos deixar de constatar as evoluções por que tem passado a nossa gentil e *coquette* Lisboa e, comparando-a com as outras capitães da Europa, guardadas as convenientes proporções, diremos:

Se Paris tem os Campos Elyseos, o Bosque e Longchamp para gloriola e exposição de suas magníficas e luxuosas equipagens e vistosas *toilettes*;

se Berlim ostenta as galas da sua aristocracia imperial á sombra protectora das arvores que bordam *Unter den Linden*,

Avenida das Tílias, de uma largura de 50 metros e d'um comprimento proporcional;

se Vianna d'Austria se jacta da sua moderna *Ringstrasse* e do seu *Pratersten*, onde as amazonas do sequito imperial fam conquistar os *princes charments*;

se Constantinopla agglomera as sultanescas Avenidas de Yeldiz e os bosques que as emmolduram; as arterias ruidosas de Galata e as alturas silenciosas de Pera;

se, finalmente, Madrid ostenta as *delicias* do seu Prado, do seu Retiro e da sua Castellana, onde as madrilenas vão gozar, na primavera, o perfume dos lilazes e o canto dos rouxinoes, no verão a frescura dos arvoredos, no inverno o calor luminoso e reconfortante do sol e, em todas as estações, o prazer dos prazeres — verem-se e reverem-se, cumprimentarem-se com toda a diplomacia e censurarem-se mutuamente sem dó nem misericordia... nós posuimos a não menos larga, longa e formosa Avenida da Liberdade, e teremos em breve o magestoso Parque, assim como já desfructamos um magnífico *Longchamp*, que é o encantador conjunto d'arvores, flores e verduras, que servirá de corôa e remate a todas as bellezas que a edilidade lisboeta e



Campo Grande — Frontespicio do chalet das cannas

a iniciativa particular vão desenrolando, dia a dia, deante de nossos olhos cada vez mais maravilhados de tanto esforço e bom senso.

emerito collaborador artistico, que acompanha estas nossas considerações com as felizes provas do seu já grande e muito promettedor talento.

a todos gozar d'este direito commum e participarem, pelo acto da sua presença, a uma gloria que mais cedo ou mais tarde ha de coroar por completo os esforços do



Phot. art. de O Tiro Civil.

Campo Grande — Rua das Palmeiras

Em pouco mais d'uma quinzena d'annos toda a cidade tem augmentado com uma rapidez extraordinaria e n'uma proporção que muito deve lisongear-nos, chamando á nossa convivencia o elemento estrangeiro, permittindo-nos gozar os attractivos que um centro intellectual faculta sempre áquelles que não desdenham a communhão de idéas, embora os elementos de que essa sociedade se compõe sejam cosmopolitas.

O grande melhoramento do nosso porto, a especulação sobre os terrenos e as casas, teem feito surgir do solo novos e florescentes bairros em volta da primitiva cidade, ligando-a por arterias espaçosas e ensolelhadas — onde alguns *Cresus* da nossa finança se teem feito erigir verdadeiros monumentos d'arte e de bom gosto, — com as suas extremidades verdejantes e floridas, e, pelo meio de facéis communicações que a electricidade tem inventado e posto ao alcance de todos, permittindo-nos todas essas vantagens materiaes e mesmo de certo luxo a que os nossos antepassados não estavam habituados, o que os obrigava a nunca sahirem do limitado espaço das suas propriedades.

O Campo Grande está, pois, na ordem do dia. Procuraremos, tanto quanto a memoria nol-o permittir, dizer-vos o que elle foi, o que elle é, e o que elle dá esperanza de ser n'um futuro que já não vem longe, tarefa bem ardua e difficilissima para nós se, aliás, não tivéssemos a coadjuvar-nos a magia e excellencia do lapis do nosso

Quem ha quinze annos, por uma tépida e poetica tarde de primavera, se dirigisse despreoccupadamente até ao recinto todo murado do Campo Grande, não podia deixar de não se sentir suffocado pelos nauseabundos miasmas que se exhalavam da especie de esgôto descoberto que o limitava pelo oriente.

Isto no que diz respeito ao exterior, pois que, interiormente, os defeitos que nos desfavoreciam e que se montoavam para nos fazerem recear a sua approximação, eram bem outros e d'uma natureza bem mais digna de repulção: a má frequencia — vagabundos e fadistas da mais terrivel especie, capazes de todas as tentativas, não recuando mesmo á ideia d'um assassinato; barrancos erigidos de silvas e de troncos d'arvores, como uma constante ameaça de perigo para quem commettia a imprudencia de se fazer acompanhar por creanças, e, com respeito a meios de locomoção, essas necessidades materiaes apenas podiam ser vencidas por um numero muito restricto de privilegiados da sorte.

Hoje, os perigos apartados, um facil accesso, e os melhoramentos continuos ali executados fizeram do Campo Grande o lugar predilecto não só do *sport* em geral, mas ainda e particularmente da aristocracia, que ali vae passear todas as tardes, e da burguezia que ali se reune cada vez que o calendario lhe faculta um dia feriado.

E o nosso mais fervente desejo é vê-los

muito digno administrador o sr. Antonio Cordeiro Feio.

Um dos maiores encantos d'este lugar privilegiado é que o *touriste* encontra ali sempre mais bellezas do que a sua imaginação tinha phantasiado.

Domingo passado, pelas onze horas da manhã, já nós vimos ali reunidos ao longo da grande alea de 1:250 metros e protegidos pela benefica sombra dos platanos, um *tandem*, dois automoveis e dezeseis bicyclettas, attrahidos sem duvida pela esperanza de cooperarem no grande movimento do seculo e de contribuirem para o bem physico, e portanto moral, das gerações futuras, segundo a maxima de Juvenal, que so concebe uma alma sã em um corpo tambem são.

Sigamos, pois, a natureza que nos dá lições d'actividade e força.

As arvores já estão revestidas da sua alegre e terna libré verde, os grandes ramos das olaias já estão cobertos de flôres vermelhas, os canteiros dos jardins regoritam d'admiraveis tulipas e outras flôres de côres brilhantes e variadas, e dos macissos alfombrados já emergem tufos espeços de nacarados rhododendrons grupados em corymbos.

Além da grande Avenida de 1250 metros ha ainda, para admirar, o grande lago e competente ilha de Robinson, que não é deserta, antes pelo contrario; os jardins em perspectiva de augmento com o seu microscopico museu, mais conhecido pelo

Chalet das Cannas, de que nós desejaríamos occupar-nos com mais attenção e vagar.

Tudo ali é perfeito e digno da mais cuidadosa inspecção.

Desde as portas bordadas a lasulite, que deixam penetrar n'esta mansão rendilhada, habitada sem duvida por hriolos e fadas, os indecisos vapores violaceos e argenteos das correntes vivas que alimentam varios aquarios, onde peixes exóticos e indigenas se misturam e ostentam formas esquisitas e phantasticas, até ás tépidas transparencias das janellas ogivaeas, com enfeites de plantas campestres, coando apenas a luz tão intensa do exterior.

As reverberações tão fagueiras do sol meridional, indo pôr tons metalicos no verde das plantas, que se alternam com as pinturas tão caracteristicas dos troncos que picotam as paredes interiores, dão nos a perfeita illusão d'um prisma, d'um arco-iris em miniatura.

Tudo isto realçado ainda pela riqueza d'uma ornamentação que não obedece a modelos, não segue escolas, nem copia estylos, formada de delgados juncos, vites e variadas especies de bambus e cannas vulgares.

N'este genero, o sr. Cordeiro é o que pôde chamar-se um *precisista*, quero dizer, um regular, um methodico e, por consequencia, um symetrico, condemnando todavia a orientação do cordel para seguir a phantasia da sua inspiração, que é sabia e reflectida, o que não impede de ser elle um verdadeiro artista *prime-sautier*.

Mas o sr. Cordeiro não é sómente um habil artista, como poderia deprehender-se d'esta nossa imperfeita exposição, é tambem um *gentleman*, um verdadeiro homem de salão, habituado á convencia d'essas outras flores animadas, de que a gentil leitora é sem duvida um perfeito exemplar.

E, como nunca aventuramos uma asserção sem que as provas a justifiquem, vamos fazer-vos espiritualmente testemunha da scena que ali se desenrolou em um dos ultimos dias d'este inverno, dia que, se nós tivéssemos esquecido a ordem chronologica do tempo, poderíamos tomar por um dos primeiros do estio.

Uma familia franceza, composta de tres pessoas, aproxima-se d'um cavalheiro, que só então reconhecemos ser o digno administrador d'aquelle recinto.

— Je vous félicite, Monsieur, — diz o chefe d'esta trindade, — des beautés répandues dans ce charmant séjour, que vous avez transformé en Éden.

A dama ia começar tambem e seu improvisado *speech*; a filha já humetava os roseos labios com a intenção de prestar o seu precioso concurso a *madame sa mère*, quando o sr. Cordeiro, para se esquivar a todos estes encomios, tem a seguinte inspiração:

— Tenez, Madame, j'ai là quelque chose à vous remettre.

— A moi! quoi donc, Monsieur, s'il vous plait?

— Attendez-moi une petite minute, — je viens tout de suite.

E eil-o que reaparece com um gentil *bouquet* de violetas de Parma.

— Permettez-moi, Madame de vos faire la fidèle depositaire des prémices de mes tendres soins.

— Qu'elles sont jolies, vos violettes de Parma! — não pode conter-se de dizer a filha.

— Pas autant que vos charmants yeux, — responde ainda o sr. Cordeiro.

E nós viamos por um momento abater-se a barreira dos preconceitos e conveniencias sociaes, a pragmatica convencional do premir cerimonioso d'uma mão converter-se em um estreito amplexo, se esta alpestre bucolica não fosse interrompida por outros visitantes que reclamavam a presença d'este cavalheiro.

E a nossa imaginação transportou-nos por um momento em plena côrte Luiz xv, aos jardins do pequeno *Trianon* de Versailles.

E nós vimos uma pastora approximar-se d'um canteiro de cravos que um jardineiro se occupava a esteiar e, escolhendo o mais bello e o mais vermelho, que era a moda d'aquella epocha, dizer:

— O le joli œillet!

E o jardineiro, ao mesmo tempo que o separava da delgada e elegante tige, servindo-se d'um pequeno instrumento d'ouro em forma de tezoura, que lhe pendia da cintura, responder-lhe apresentando-lh'o:

— Pas si joli que votre bouche vermeille!

A pastorinha era Madame du Barry.

O jardineiro já vós adivinhastes quem era... o proprio rei, sem duvida!

Felizes tempos em que as duquezas se disfarçavam em pastoras, e os reis se occupavam na cultura das flores!

F. DE C.

peita á kinesiterapia, vejamos em que condições se pode permitir o seu uso, e quaes são as contra-indicações d'esse exercicio.

Principiemos pelas doencas em que se não deve usar a bicicleta.

O uso d'este aparelho, mesmo nos individuos sãos, origina, não raras vezes, accidentes cardiacos, sem querer, por ora, falar n'outros mais ou menos graves e ocasionados pelo abuso d'essa mesma machina.

Antes de permitir esse exercicio, é necessario pois examinar atentamente o coração do individuo que se propõe executá-lo. Esta é a nossa opinião. No entanto Richardson, Little e outros medicos inglezes citam exemplos de que se deduz melhora de doencas do aparelho cardio-vascular, depois do uso moderado da bicicleta. Os francezes, ao contrario, e entre elles o professor Hallopeau da Faculdade de Medicina, proscvem esse exercicio para taes doencas. Pare Levy, o ciclismo, se é util em algumas cardiopatas, é nocivo e até perigoso na maior parte d'elas.

As doencas agudas, sarampo, escarlatina, etc., da medicina infantil, deixam muitas vezes como reliquia cardiopatas, que só vem a revelar-se depois de um excesso, do uso da bicicleta, como tivemos occasião de observar n'uma menina.

Mendelsohn cita muitos exemplos de creanças que, não apresentando nenhuma lesão do coração, foram atacadas de accidentes cardiacos depois de um passeio em bicicleta.

Pelo que deixamos dito se conclue que, só com circunspecção se pode autorisar o esporte ciclista nos cardiacos.

Quanto ás afeções da arvore aerea convém estabelecer-se como regra geral que todo o individuo atingido de afeção pulmo-



No CAMPO GRANDE

Phot. art. de O Tiro Civil.

S. A. R. o Senhor Infante D. Affonso

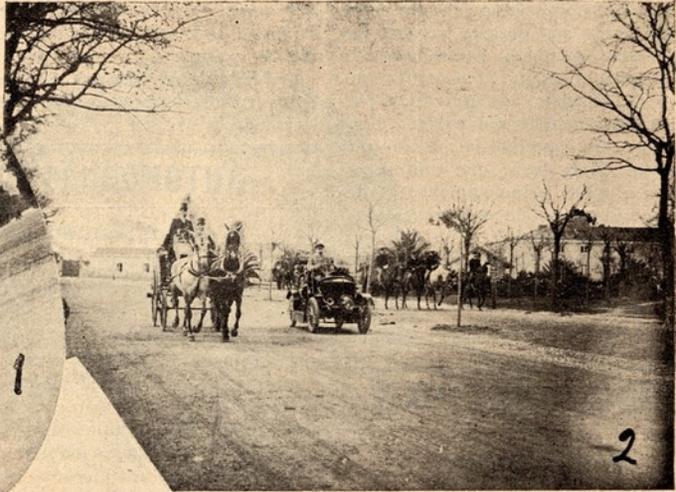
EDUCAÇÃO PHYSICA

A BICICLETA E A SAUDE

A bicicleta, a nosso vêr, não deve entrar no numero dos exercicios com aparelho, da gymnastica profilatica. Pelo que res-

nar, deve evitar o cansaço e a poeira. Muito especialmente na tuberculose pulmonar, cujo tratamento importa um conjunto de rigorosos meios, taes como exercicio muito moderado, estáda ao ar livre, quando não haja grande deslocamento de camadas de ar, etc., acho o esporte velocipedico formal contra-indicação.

Ha sempre natural tendencia para se ir



Phot. art. de O Tiro Civil.

NO CAMPO GRANDE

1 The Royal Portuguese Cab, inventado desenhado, e construido pelo sr. visconde de Sacavem (José) em 1901. — 2 Break chasse do sr. Abel Barradas e Double phaeton Gardner Serpollet a 6 cavallos, conduzido pelo sr. visconde de Sacavem (José). — 3 Tandem em passeio. — 4 Grupo de cavalleiros. — 5 Touneau da casa Almeida Santos Lino & C.ª de 16 cavallos conduzido pelo sr. Gastão d'Almeida Santos. — 6 Automovel F. L. A. T. pertencente ao Ministerio da Guerra. — 7 Salto a cavallo pelo sr. José da Silveira Vianna.

mais alem do que o medico indica e do que podem as forças proprias e d'ahi vem o abuso sempre prejudicial. Não queremos dizer com isto, que ao tuberculoso seja prohibido exercicio; convêm que o faça (de diversas formas para os diferentes casos) mas de nenhum modo necessita de aparelhos.

São ainda contra-indicações d'esta especie de esporte, a bronchite cronica, a asma, as lesões nasaes, polipos, vegetações adenoides, etc.

Pelo que respeita a doenças das senhoras, embora a opinião de alguns se incline, por vezes, a aconselhar a bicicleta, somos de parecer que se mal não faz, em regra, bem não pode ocasionar nenhum. E comprehende-se desde que se pense que órgão inflamado necessita repouso. Talvez que (damos de barato) em certas alterações da menstruação o resultado tenha alguma vez sido satisfatorio, no entanto o numero de casos observados, não permite precisar uma indicação. Além do que, o exercicio a pé e meios therapeuticos seguros de que dispomos, com as preparações marciaes etc., bastam para combater esse estado, sem ser necessario recorrer ao velocipede.

Encontram-se mais contra-indicações na albuminuria e nas afeções genitales do homem.

Vejamos agora quacs as doenças que melhoram com o uso da bicicleta.

D'uma maneira geral, em todas as doenças ocasionadas por *preguiça* da nutrição, deve indicar-se este exercicio. N'este caso estão a gota, a obesidade, a diabetis azaturica, as colicas hepaticas e nefreticas.

Um dos efeitos mais manifestos do ciclismo, observa-se na melhora da dispepsia nervosa e da constipação de ventre. Digamos de passagem que alguém emitiu a opinião, que um grande numero de apendicitis sobrevividas n'estes ultimos annos, eram em grande parte, devidas ao abuso da bicicleta.

A clorose e a anemia melhoram com este exercicio. Segundo Bouchard, os sopros anemicos desaparecem e o estado geral levanta-se.

As afeções nervosas são igualmente tributarias do uso da bicicleta. Hammond cita grande numero de observações de esteria, paralisia alcoolica, contratura e neuras tenia, vantajosamenté combatidas pelo esporte velocipedico. São sobretudo os doentes atingidos de neurastenia benigna, os que se curam mais depressa.

Um bom meio de nos opormos á preponderancia do influxo nervoso sobre os sentimentos afetivos, nas meninas que *têm nervos*, é fazer derivar esse influxo para os musculos. N'estes casos, o movimento não só dá vida aos musculos, como tambem estimula; sem ele, não pode haver como dizia o grande Fonsagrives, nem saúde, nem vigor, nem graça,

nem beleza. Só o movimento luta contra os desastrosos efeitos da sedentariedade, tão vulgarmente observados nas mulheres, e quando estas não possam passear por se queixarem de fadiga, aconselhar-se-ha então a bicicleta usada com moderação.

O uso da bicicleta nos individuos physiologicos, quando feito sem excessos, pode dizer-se que não é prejudicial; é contudo conveniente frizar bem, que tudo o que seja abuso e muito principalmente os desafios e corridas, são de deploraveis consequências e devem ser banidos categoricamente. Também será bom que o tronco se não incline para deante; a melhor posição é de assentado naturalmente.

ARDISSON FERREIRA.

SCIENCIAS, ARTES E LETRAS

Musica portugueza

O grande concerto de musica nacional, anunciado para o dia 5 d'este mez, está transferido para domingo 19. Este addiamento é motivado pelas festas ao rei Eduardo VII.

Attendendo á difficuldade e grandeza do empreendimento que por si só representa um enorme acto de arrojo, por parte da direcção da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* que se propoz dar em Lisboa um concerto de musica nacional, com cantores nacionaes e uma orchestra de oitenta executantes tambem nacionaes, pena é que a elle não assista o nosso regio visitante, porque, esta festa, em nosso entender, é em tudo superior á tourada, aos fogos de vista, ao tiro aos pombos e... á recita de gala em S. Carlos.

Melhor, muito melhor do que tudo isso tem o rei de Inglaterra no seu paiz. O que elle nunca ouviu, nem talvez oiça, é um grande concerto de musica genuinamente portugueza, porque, tambem em Inglaterra o não ouve com musica do seu paiz, quanto á tourada, não deve ser divertimento muito da sua predilecção, fazemos-lhe essa justiça.

E' nossa opinião que perdemos a melhor, senão a unica occasião, de mostrarmos a esse poderoso monarcha, que temos amor por o que é nosso, e que alguma coisa possuimos de valor, sem vir do estrangeiro.

Podemos afirmar que não foi por culpa da direcção que se não traduziu n'um facto, o que tanto nos levantaria aos olhos dos estrangeiros, que por esse occasião nos visitassem. Demais, com este concerto o estado nada gastaria, pois que a direcção da Sociedade, nada pedia, nem nada queria.

Mas, o que lá vae, lá vae, e vamos nós remando contra a maré do indifferentismo e despreso de tudo o que é portuguez e digamos aos nossos estimaveis leitores que os ensaios dos solistas e côros vão muito adiantados e que brevemente vão começar os ensaios de conjuncto e orchestra.

Como já dissemos, além da selecção da opera *Amrah*, do nosso illustre maestro Frederico Guimarães, o auctor da *Beatriz*, executar-se-hão tambem trechos dos nossos não menos illustres e festejados maestros compositores Julio Neuparth, Augusto Machado e Rodrigo da Fonseca.

Os bilhetes para esta festa de caracter genuinamente nacional e patriótico, estão já á venda na sede da Sociedade, rua da Barroca, 107, 2.º, e nos diversos armazens de musica.

Fazemos votos ardentés pelo bom exito d'este arrojado empreendimento em favor da arte nacional.

AUTOMOBILISMO

O alcool industrial

Por mais de uma vez temos n'este logar mostrado as altas vantagens que o governo tem em auxiliar e proteger o desenvolvimento do automobilismo como um excellente meio de proteger indirectamente a industria do alcool e de dar consumo ao mesmo combustivel.

Na Allemanha e, ainda mais, em França a applicação dos alcooles industriaes, como combustivel para os motores de grande numero de aparelhos e designadamente dos motores dos carros automoveis, tem sido cuidadosamente estudada e d'ali vem a protecção que os governos teem dispensado ao automobilismo.

Protegem assim e ao mesmo tempo duas industrias — a da construcção dos automoveis e a do fabrico do alcool.

N'este momento, por exemplo, occupa-se o gabinete Combes d'essa questão cuja importancia augmentou com o congresso que ha dias se realisou em Paris, sob os auspícios de mr. Mougeot, ministro da agricultura do referido gabinete.

Por seu lado o governo allemão não perde o menor ensejo para provar a sua sollicitude e os seus esforços para animar o emprego do alcool carburado para a industria e para os transportes.

Devido, pois, a essa protecção, realisaram-se ultimamente em Berlim uma serie de applicações dos motores a alcool para a tracção dos barcos, feita pela companhia dos barcos a vapor do Spreu.

Os resultados foram tão satisfatorios que a Companhia Hamburgueza Americana emprega já para o serviço de inspecção no porto d'Hamburgo um barco de 10 metros de comprimento munido d'uma machina de 23 cavallos, dando uma velocidade media de 8 nós.

O consumo é apenas de 6 decilitros por cavallo e por hora, empregando o alcool desnaturado allemão a 90°.

Entre nós a questão tem sido quasi abandonada.

Nem se protege e anima a tracção dos barcos por meio de motores a alcool, nem dos carros automoveis.

Contudo o assumpto não é para desprezar.

Segundo uma estatística que foi apresentada no ultimo congresso vinicola, em 1900, só a provincia d'Angola produz annualmente 10:000 a 12:000 pipas de 450 litros d'alcool ou sejam, numeros redondos, 5.000:000 de litros.

A producção geral em 1893-94 foi de 5.742:459 litros; em 1894-95, de 5.710:630; em 1895-96, de 6.587:331; em 1896-97, de 8.545:542; em 1897-98, de 9.768:524; em 1898-99, 7.712:235.

Ora parece-nos que estes numeros são por demais eloquentes e bom seria que o

sr. ministro das obras publicas attentasse n'elles e procurasse, agora que se trata de modificar as pautas, de estabelecer uma taxa proteccionista para a importação de machinas industriaes ou de carros automoveis para emprego do alcool carburado, baixando ao mesmo tempo o imposto sobre o alcool industrial. D'est'arte se attenuaria a superabundancia d'este combustivel, superabundancia que por mais de uma vez tem affligido os nossos governos e que é um dos motivos do mal estar da respectiva industria em Angola e nos Açores.

Segundo telegrammas publicados na passada quinzena, nos jornaes de Lisboa, os srs. Antonio Mendia e José Mendia haviam feito a viagem de Lisboa a Coimbra em dois automoveis Peugeot da força de 10 cavallos, tendo gasto no tracto apenas 4 horas e 35 minutos, pois que tendo sahido de Lisboa ás 8 e 25 da manhã haviam chegado a Coimbra á 1 hora da tarde.

Esta extraordinaria performance, digna de emparelhar-se com as dos Fourniers e Rolls — salvas as devidas proporções, é claro — deu que fazer a muitos dos nossos chauffeurs; tanto mais que, a ser exacto o tempo gasto, os srs. Mendia tinham attingido na sua viagem, uma velocidade media de 53 kilometros á hora, o que em estradas portuguezas era quasi um cumulo.

O sr. dr. Tavares de Mello, cheio de incredulidade, chegou a lançar um repto aos distinctos chauffeurs para que repitam a viagem no tempo marcado, 4 horas e 35 minutos, offerecendo n'esse caso o premio de 1 conto de réis.

Succede, porém, que em vez de vermos levantado o desafio, vemos desmentido o tempo gasto explicando-se agora que não foram 4 horas e 35 minutos mas sim 11 horas, que os illustres excursionistas gastaram.

Será, porém, este o tempo exacto? *Chi lo sa.*

Informam de Londres: A famosa coupe Garden Bennett será disputada no proximo dia 2 de julho. Além d'esta corrida pode-se dizer que haverá dez dias inteiramente consagrados ao sport automovel e cyclistista. Haverá ensaios de records do kilometro, da milha e das 5 milhas, no parque do Phœnix-Club e corridas de automoveis-boats (barcos automoveis) organisados no porto de Queenstown.

Nas corridas de no proximo dia 19 do corrente se devem realizar no velodromo do Jardim Zoologico, o nosso bom amigo e distincto motocyclista sr. Carlos Ferreira Viegas, presidente da commissão de excursionismo da U. V. P., ensaiará o record dos 5 kilometros em motocyclete.

Crêmos bem que esta tentativa será coroada do melhor exito, pena é que os pequenos reles do velodromo do parque de Palhavã não permitam grandes velocidades. Em semelhante pista chega a ser uma temeridade ensaiar um record em boas condições de estabilidade.

Recommendamos, pois, ao nosso amigo, toda a cautella.

A Empreza Automobilista, de Leão, Moreira & Tavares, de Coimbra, annuncia na secção respectiva, as principaes victorias de «Darracq» Werner e Lurquin-Coudert. Para esta interessante lista chamamos a attenção dos nossos leitores e em especial dos automobilistas.

F. W. Chase, o famoso chauffeur inglez, acaba de bater o record das dez milhas, motocyclete que pertencia a Fournier.

Os novos records estabelecidos por Chase são: 6 milhas, 7 m. 14 s.; 7 milhas, 8 m. 59 s. $\frac{3}{5}$; 8 milhas, 10 m. 15 s. $\frac{2}{5}$; 9 milhas, 11 m. 35 s. $\frac{1}{5}$; 10 milhas, 12 m. 56 s. $\frac{4}{5}$.

O tempo precedente das 10 milhas era de 12 m. 36 s. $\frac{2}{5}$.

Segundo ouvimos, Real Automovel Club de Portugal pensa em organisar no proximo mez de maio uma corrida de consumo.

Se tal succeder não teremos senão que elogiá-la a direcção do R. A. C. P. que inicia a sua vida sportiva por uma forma verdadeiramente pratica.

VELOCEPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

Festas de cyclistas

Conforme havíamos noticiado os socios do Cyclo Club Caldense, prospera e sympathica associação que tem a sua séde nas Caldas da Rainha, foram no dia 19 em passeio official aos seus camaradas do Grupo Velocipedico Leirense, pagando-lhes assim a visita que estes lhes haviam feito em egual dia do anno passado.

Foram imponentissimas as festas que a formosa cidade do Liz fez para receber os seus hospedes; festas em que a alegria fidalga e a hospitalidade d'um povo se casou intimamente com confraternização de tantos e tão valiosos elementos *sportivos*.

Não foi menor, nem menos calorosa a manifestação que a Marinha Grande fez tambem, quando depois o C. C. C. e o G. V. L. ali foram em excursão. E a risonha e laboriosa villa, fóco d'uma das industrias mais desenvolvidas e que mais honram Portugal — a industria vidreira, recebeu fidalgamente, principescamente os seus hospedes, que confraternisaram com a honrada classe artistica do importantissimo centro industrial.

Creemos desnecessario dizer que rejubilamos sinceramente com estas manifestações.

Homens do nosso tempo, adoramos a confraternização dos povos que é a grande base da civilização; amigos sinceros e devotados da velocipedia rejubilamos por ver a bicyclette empregada como factor maximo d'estas festas.

Oxalá que o exemplo do C. C. C. e do G. V. L. fructifiquem e que estas festas se repitam em todas as regiões do paiz e entre todas as associações, porque será en-

A começar pela U. V. P., todas as grandes associações de Lisboa, do Porto, de Vianna ali mandaram os seus delegados. Foi pois mais do que uma festa de confraternização entre duas agremiações, foi uma festa nacional do *sport cyclista*.

Possa ella, de facto, ser o grito de alerta e o toque de reunir a todos os elementos velocipedicos do paiz, para que todos, aggregados em torno da bandeira unionista possamos levantar-a tão alta e tão gloriosa, como a da nossa querida patria que ella tambem representa e simbolisa.

E' esta a nossa aspiração mais sincera.

E isto dito, passemos ao *compte rendu* das festas:

Os cyclistas caldenses partiram da sua séde ás 6 horas prefixas da manhã do dia 19.

A noite que muitos haviam passado em claro, estivera amena e prognosticando um bello dia; o ceu azul, de uma limpidez absoluta, deixava brilhar em todo o seu esplendor as myriades de estrellas. Que alegria em tantas almas, despertou essa noites serena e calma de 18 para 19 de março!...

A's cinco da manhã era já um formigal constante, um vae vem continuo de cyclistas que entravam e saham na séde do Cyclo Club umas das mais confortaveis e bellas installações de quantos clubs de *sport* temos visitado. Havia uma animação extranha, uma alegria communicativa; ria-se, fallava-se, discutia-se, n'uma algazarra d'ensurdecer. De vez em quando ouvia-se a distancia o toque sonoro d'uma busina ou o estallar de foguetes. Raras vezes se terá visto o



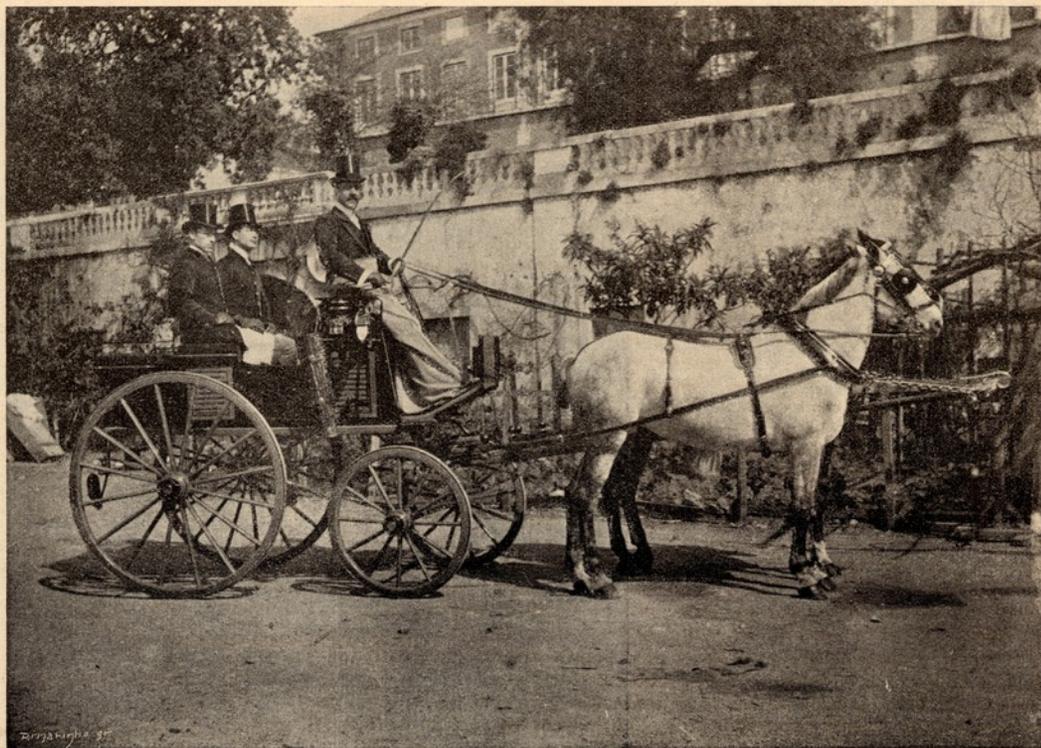
Phot. art. de O Tiro Civil.

NO CAMPO GRANDE

Locomobile com o sr. Fisch e sua ex.^{ma} esposa

tão realisavel, effectivo o lema da União: Um por todos, todos por um.

Temos, porém, sincera fé em que a lição que estas duas collectividades nos deram, se não perderá de todo, tanto mais que ellas tiveram o particular condão de reunir nas suas festas, os representantes de todos os clubs e de todas as revistas *sportivas* do paiz.



No Campo Grande

O distincto *sportsman* sr. Abel Barradas no seu esplendido Break Chasse.

Phot. de João Correia, amador.

movimentar matutino de tamanha massa de cyclistas.

Seis horas da manhã; é pallida a claridade do dia, mas o sol não tardará a romper para completar a alegria de tanta alma juvenil. Os impa-

lissimas damas, que davam a esta festa uma nota muito alegre, com as côres vivas das suas toilettes.

Percorridas as ruas principaes, tudo se dirigiu ao theatro D. Maria Pia. que n'um instante se

sombra da bandeira unionista. E' muito applaudido.

O sr. José Pedro Ferreira, vereador da camara municipal das Caldas, saudou em nome do povo caldense os leirienses. E' brilhante e cheio de calor o seu discurso que foi coberto de applausos.

O sr. Eduardo Larcher, em nome da Academia Leiriense saudou o C. C. C.

O sr. commandador Eduardo da Motta Ribeiro Junior, em nome do Real Velo Club do Porto associa-se ás manifestações e mostra a grande utilidade d'estas festas de confraternisação.

Finalmente o sr. Amílcar Cortez Pinto em nome do G. V. L. agradeceu a visita ao C. C. C. e a representação de todas as associações.

Em seguida foi encerrada a sessão sendo levantados muitos e calorosos vivas.

Ainda por assim dizer se não tinham extinguido os ecos das ultimas acclamações da sessão, começava o banquete de 103 talheres, no vasto salão do G. V. L. artisticamente ornamentado. As tres mezas em U eram presididas: a 1.^a, no tópo da sala, pelo sr. dr. Carneiro que tinha á sua direita a sr.^a D. Natividade Trigueiros e á esquerda, o sr. Ernesto Korrodi; a 2.^a era presidida pelo representante da U. V. P., o nosso collega Carlos Callixto que tinha á sua direita a sr.^a D. Candida Carneiro e á esquerda a sr.^a D. Augusta Carneiro; a 3.^a presidida pelo sr. Schuman, commandante dos Bombeiros Voluntarios Leirinenses, que tinha á sua direita a sr.^a D. Henriqueta Carneiro e á esquerda a sr.^a D. Virginia Carneiro.

Ao *desert* houve os seguintes brindes officiaes: do sr. Ernesto Korrodi em nome do G. V. L., ao C. C. C., á U. V. P. e á imprensa.

Agradeceu por parte do C. C. C. o sr. dr. Carneiro que brindou ao G. V. L.; por parte da União, Carlos Callixto brindando á confraternisação de todos os cyclistas portugueses; e pela imprensa o sr. Gomes Guimarães que saudou as damas cyclistas.

Houve mais os seguintes brindes: do sr. Alberto Calleya, ao exercito; do sr. José Pedro Ferreira, aos bombeiros voluntarios; do sr. commandador Motta Ribeiro, á U. V. P.; do sr. Carlos Callixto, á Academia; do sr. Zuquette, a Carlos Callixto e á U. V.; do sr. Henrique Souto



NO CAMPO GRANDE
A grande lagôa

Phot. art. de O Tiro Civil.

cientes reclamam que se organise o cortejo, sem demora e que se dê a partida. Assim se faz; e aos toques repetidos da buzina do guia o nosso querido amigo Jeronymo Ludovice, a enorme bicha de quarenta e tantos cyclistas poz-se em marcha. Era ao mesmo tempo extravagante e imponente esse extranho cortejo, verdadeiramente moderno: Eduardo Mafra com bonet escocoz fazia lembrar o homem do bacalhau dos cartazes tão conhecidos da Emulsão de Scott, Santos Junior de longo capindó, enfonado pela brisa da manhã, parecia caminhar á vela; Manuel Carvalho, de cabaça a tiracol, recordava um peregrino medieval.

Estrada fóra era um esfusiar constante de ditos alegres que Marcellino Garcia cortava a cada instante com os seus «bons dias». E ria-se e troçava-se do traje d'uns e da cara d'outros; das canellas escléticas d'este e das pernas robustas d'aquelle... Deliciosa manhã!

Cerca das 9, chegada a Alcobaca e almoço no Central.

Cremos bem que o proprietario d'esta casa nunca soubera o que é o devorador appetite dos cyclistas, ou então entende que não convem, a quem anda em bicyclette, sobrearregar o estomago com pesadas refeições; o certo é que o tal almoço pouco mais constou do que do riso e vacca—em dose minima, de Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Em todo o caso, como o riso era franco, oxigenado, de rapazes, não importava que a vacca fosse dura e escassa, para que a refeição decorresse animada e alegre.

Depois das 10, continuou o passeio a caminho d'Aljubarrota, Batalha, Azoia e Leiria. Ante nossos olhos extasiados passam de novo, como n'um cyclorama grandioso, os campos verdejantes e opulentos em que o natureza ri e canta e em que a paisagem em cambiantes de luz e côr que só Deus poderia formar, estasia noss'alma.

Mal se avista a Azoia, ouvem-se estalar duzias e duzias de foguetes, são os leirienses que ali nes aguardam. Organisa-se de novo o cortejo, são já 60 cyclistas; o entusiasmo toca o seu auge; quando leirienses e caldenses se abraçam n'um longo abraço fraternal e amigo, os vivas reboam no espaço, d'envolta com os hymnos das musicas e o estalar constante dos foguetes.

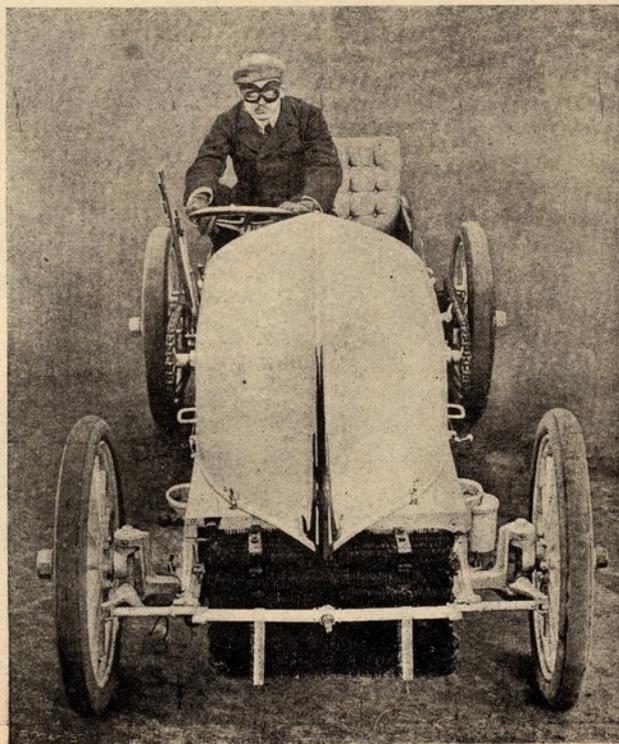
Trocadas estas saudações, põem-se todos em marcha caminho de Leiria; são cerca de 100 cyclistas, entre os quaes se contam as 3 filhas do digno presidente do C. C. C.

A' entrada da formosa cidade do Liz uma grande massa em que se destacava o elemento academico com os seus trages proprios, faz aos cyclistas uma manifestação impotente; o aspecto das ruas, ornamentadas a capricho, salientando-se pelo bom gosto um arco triumphal á entrada da Praça Rodrigues Lobo, era de bellissima effeito; as janellas estavam recamadas de genti-

encheu completamente, para se realizar a sessão solemne de boas vindas. Presidiu o sr. barão de Salgueiro que convidou para secretarios os srs dr. Alexandre Carneiro e Ernesto Korrodi.

O sr. barão de Salgueiro em termos calorosos, dá as boas vindas aos cyclistas caldenses e delegados das associações. Agradece entre vivas acclamações, o sr. dr. Carneiro presidente do C. C. C.

O nosso collega de redacção Carlos Callixto, em nome e como representante especial da U. V. P. mostra a alta significação das festas e insita todos os elementos a que se agrupem á



O vencedor do record do kilometro em 27 segundos ! ! . .

Mayor, a Leiria; do sr. Julio Paramos, a Ricardo Garcia y Gomez; do sr. Silverio dos Reis á U. V. P. e a C. Callixto; de C. Callixto em nome do *Tiro Civil*, á imprensa Leiriense; do sr. Larcher á imprensa *sportiva*; do sr. Cêa Trigueiros, ao G. V. L. e U. V. P.; do sr. Carlos P. Sanchez, a Ernesto Korrodi; do sr. Ricardo Garcia y Gomez, ao G. V. L. e U. V. P. e do sr. Pereira Gomes, ás Caldas da Rainha.

Terminado o banquete, entre vivas e palmas realçou-se a *marche aux flambeaux*, organizada pela Academia Leiriense, que foi uma calorosa manifestação. como a mocidade das escolas sabe fazer, ás senhoras cyclistas.

Depois, e para terminar o programma das festas leirienses teve lugar o sarau no theatro Maria Pia, em que tomaram parte d'importantes amadores das Caldas e de Leiria, que disseram monologos, poesias e cançonetas, sendo todos muito applaudidos.

Durante o sarau o G. V. L. offereceu ao C. C. C. um bello quadro a oleo, pintado pelo distincto professor da escola industrial, o nosso amigo sr. Ernesto Korrodi, e a associação dos caixeiros, uma lindissima pasta de setim bordada a ouro.

No dia seguinte, ás 11 horas da manhã seguiram os cyclistas leirienses e caldenses em excursão á Marinha Grande. A recepção na formosissima villa industrial, foi superior a tudo quanto possamos dizer. Pelas ruas por onde o cortejo passou, era compacta a multidão que acclamava ininterruptamente os velocipedistas; das janellas ornamentadas com bellas colgaduras, as senhoras deitavam flores e agitavam lenços. Uma recepção princepsca. A Serenata marinheza e a philarmónica da fabrica de vidros abrilhantavam esta manifestação.

Momentos depois da chegada, a Serenata e os cyclistas Marinhenses offereceram aos seus hospedes, vinhos, fructas, bôllos e cerveja, proferindo n'essa occasião um bello discurso de saudação o sr. Cruz Mendonça, a quem responderam os srs. Ernesto Korrodi e por parte do G. V. L. e José Pedro Ferreira, pelo C. C. C.

Depois visitaram-se as fabricas esses riquissimos centros da actividade e do trabalho nacional, onde os operarios vidreiros affirmam dia a

dia as suas poderosas faculdades. A' noite depois de excellente jantar no hotel Central, houve *marche aux flambeaux* em que tomaram parte milhares de pessoas que com balões á veneziana e archotes, acompanharam os cyclistas ao comboio, á partida do qual, proferiu um discurso de despedida o sr. Pereira Gomes, a que respondeu o nosso collega Carlos Callixto; e foi ao som de calorosos vivas á U. V. ao C. C. C. G. V. L., Caldas e Leiria que o comboio deixou a Marinha, levando todos os excursionistas a recordação mais grata e preduravel d'aquelles dois esplendidos dias.

A' chegada ás Caldas eram os socios do Cyclo Club aguardados pela phylarmonica Caldense e por numerosa multidão que organisou vistosa *marche aux flambeaux*, até á sede do C. C. C. Durante o percurso esturgiam a cada momento vivas a Leiria, á Marinha, ás Caldas ao G. V. L. ao C. C. á União, etc.

Das janellas do Club falou agradecendo, em termos calorosos e vibrantes, a manifestação e dando conta do exito das festas de Leiria e Marinha, o nosso presado amigo sr. José Pedro Ferreira.

E com esta nota tão significativa e tão bella terminaram estas festas que, repetimos, foram mais do que de confraternisação entre dois clubs, foram de confraternisação nacional dos elementos cyclistas.

Por nossa parte agradecemos immensamente reconhecidos, todas as demonstrações de sympathia de que fomos alvo e que já mais se apagarão da nossa alma.

Ricardo Garcia y Gomez.

Na ultima sessão da direcção da U. V. e sob proposta do nosso collega Carlos Callixto foi approvedo para reassumir o cargo de delegado da mesma União, no Porto, e nosso amigo o distincto *sportsman* sr. Ricardo Garcia y Gomez.

Folgamos sinceramente com esta noticia; Ricardo Garcia é um dos elementos cyclistas mais prestigiosos no Porto e a sua acquiescencia á nomeação de delegado da União na segunda cidade do paiz, ha de produzir salutareos effectos para as prosperidades e auctoridade da nossa federação cyclistas.

Provas de 150 kilometros:

Crêmos poder affirmar que se realisarão este anno as primeiras provas de 150 kilometros. Serão organisadas pelo distincto e activissimo delegado da União em Leiria, o nosso amigo sr. Amilcar Cortez Pinto, o que é uma garantia segura da fórma correcta e perfeita de tal organisação.

O itinerario a seguir deve ser Leiria—Lisboa.

*

Excursão a Alemquer:

Está definitivamente resolvido que a primeira excursão d'este anno, organizada pela commissão de excursionismo da U. V. P., será a Alemquer no dia 3 de maio.

O nosso amigo Carlos Viegas, presidente da referida commissão e alguns vogaes trabalham activamente para que a excursão seja coroada de bom exito.

Assim o desejamos tambem.

*

A commissão de *sport* da U. V. P. já começou os seus trabalhos para a classificação dos corredores portugueses em harmonia com o novo regulamento.

Nas corridas organisadas pela redacção do *Sport* que, se realisarão no domingo 19 do corrente já a nova classificação será adoptada.

O record do cyclismo

Continúa a despertar um grande interesse no estrangeiro o exercicio, a que sob esta epigraphe nos referimos no nosso ultimo numero. Não são apenas os jornaes do *sport*, que encomiastica e circumstanciadamente o descrevem, ou os diarios de feição, mais ou menos, politica, mas as proprias publicações scientificas, porquanto até hoje nenhum dos exemplos, apresentados para demonstrar a existencia da força centrífuga, attingiu para o auditorio o su-



CAMPO GRANDE
A avenida do lado occidental

Phot. att. de O Tiro Civil.

bido grau de suggestão, que n'aquelle se nota.

Esse curso, feito em breves segundos, rapido como o relampago, arriscado a mais não poder ser, sobre uma bicycleta, má de dirigir em bom caminho e difficilissima naquella, a febre do movimento, o delirio que se apossa dos espectadores, empolga-os completamente e arrebatava-os no final n'uma estrondosa ovação.

Não ha fleugma, que resista a um tal excitante; gêlo, que esse fôgo, subitamente ateadado, não vá fundir!

Ha quem tenha elaborado e publicado, calculos de velocidade e do tempo gasto, attendendo ao peso do homem e do velocipedo, altura de queda, inclinação da rampa, curvatura variavel da superficie do laço, attricto e resistencia do ar. Um calculo d'este genero, bem feito, é mais difficil do que á primeira vista parece, sobre tudo no que respeita ao laço, uma superficie helicoidal, que, não tendo grande largura pode, todavia, ser percorrida de muitas maneiras diferentes.

Havendo, portanto, diversas pistas possíveis para o rapidissimo trajecto e applicando-se-lhes calculos diferentes, ou para melhor dizer, sendo diversos os resultados a que se chega, seguindo uma ou outra, ainda que sejam symmetricas relotivamente ao traço central, feito com tinta negra, claro está, que existe uma indeterminação e o mais seguro e licito n'este apuro do assumpto é o determinar os limites, tanto para as variações de velocidade, como para a duração do trajecto.

Verdadeiramente assombroso é o equilibrio n'um tal movimento accelerado — sobre tudo a partir do ponto mais alto, do que dá sufficiente idéa a rosca de um parafuso. Na queda, d'aquelle ponto em diante, a velocidade vae a crescer com uma rapidez medonha, o cyclista deve conservar-se sempre, de modo que o plano medio do systema seja sempre normal á superficie, isto é, sempre variavel, e além do rolamento, devido ás rodas, deve necessariamente dar-se um escorregamento, muito perigoso, que não se pode prevêr, e tanto mais para recear, quanto mais percorrida tiver sido a pista, por causa do polido que adquire com o movimento e com a pressão consideravel, que impelle o systema contra ella.

Nos calculos não se tem attendido a este escorregamento, que tudo desnorteia, e nada mais é necessario ponderar para não lhe reconhecemos o alcance, que se lhes tem attribuido.

Resulta ainda d'estas breves considerações sobre um assumpto, recentemente tão fallado, e sobre o qual se está escrevendo ainda, que o perigo augmenta de dia para dia, a não ser que se tenha empregado alguma medida importante para destruir o inconveniente; mas, a grande altura do laço, a difficuldade de o percorrer todo, empregando uma preparação para manter na superficie o detritico conveniente, impedem o emprego d'ella.

E' este um ponto bem importante, sobre o qual as noticias tem sido omissas, e fazemos votos, não só para que a causa apontada tenha os menos nocivos effectos em consequencia dos materiaes empregados, mas tambem para que á falta de re-

medio efficaz, se tal se der, os effectos nunca se façam sentir n'um desastre.

Varias pessoas, que não foram da epoca, em que as *montanhas russas* andavam na moda por toda a Europa, a ponto de se fazerem em quasi todas as principaes cidades — e tambem tivemos uma em Lisboa, para os lados do Rato, segundo ouvi dizer — varias pessoas, disse, ignorando essa diversão, teem julgado que se trata agora d'um caso, senão identico, pelo menos muito parecido.

Amontoava-se terra n'um canto de um jardim, ou de outro sitio qualquer, formando uma elevação de alguns metros, como a que se vê, por exemplo na entrada do jardim da Estrella do lado de leste, n'ella fazia-se uma rua com alguns zig-zags e um pequeno carro descia rapidamente a ladeira, assim formada, podendo variar-se a trajetoria, ainda, com algumas subidas e descidas, de forma que a velocidade, adquirida em cada descida, podesse permittir o subir-se a ladeira seguinte.

Aqui não intervem de modo algum a força centrifuga e as unicas forças, a que o movimento é devido, são: a gravidade e as resistencias, tanto do solo como do ar.

Com que este spectaculo apresenta grande similhaça é com o celebre *caminho de ferro aereo* de Clavières, do meado do seculo ultimo; assignalam se, todavia, divergencias importantes, assim: a altura da queda era n'este de 8 metros, emquanto que no actual o cyclista se precipita da altura de 18 — differença extraordinaria — da mesma sorte a altura do laço estava reduzida a 4 metros, o que agora não se podia dar sem que a cabeça do cyclista estivesse quasi no eixo, isto é, approximadamente immovel. A rampa, de 0,44 por metro, da descida inicial, tinha inclinação um pouco inferior a 24 graus, emquanto que nos trabalhos actuaes é de 45 graus!

Além d'isso, e o principal, o movimento fazia-se n'um carrinho com rodas, munidas de gorne como as roldanas, abraçando em todo o seu percurso dois carris, constituindo assim estes uma pista fixa, determinada. O centro de gravidade do systema movel muito baixo; a não exigencia de o corredor regular a cada instante o movimento e de estar sempre a mover-se; a completa passividade, por assim dizer, d'elle, que voava sobre os carris, como em seu logar o poderia fazer qualquer corpo inanimado; a ausencia completa do perigo, extremam completamente o antigo e o novo exercicio.

Era aquelle um spectaculo muito attractivo, sabiu fóra da linha de tudo o mais que na epoca se fez, conseguiu menção distincta em livros, como a obra notavel de Daguin sobre a physica, que no capitulo, versando sobre a força centrifuga, o descreve, acompanhando o texto com a planta e o alçado; mas faz realmente uma differença enorme d'este.

Não é só a admiração pelo bello e grandioso, que agora se nos impõe, temos todos de render verdadeiro culto á suprema arte, que se revela n'esse cumulo do *sport*.

L. F. MARREAS FERREIRA.

CAÇA

A Cynegetica na Edade Média

«Jadis nul n'osait en province Porter aux champs son mousqueton Tonton, tonton, tontaine, tonton. On gardait la perdrix du prince; Les loups devoraient le mou'on. Tonton, tontaine, tonton.»

BÉRANGER — La Chasse

(Continuado do n.º 254)

IX

Comquanto o Feudalismo, em sua acção rigorosamente politica, não dominasse nunca em Portugal, é certo que os elementos constitutivos da nacionalidade portuguesa, participando largamente do influxo de tal estado no resto da Europa, tiveram como consequencia varios factos de caracter geral, bastante poderosos para fazerem erer no predomínio d'aquella formula politica n'este pequeno tracto de terra, que a força das circumstancias tornou reino independente desde meados do seculo XII.

Portugal nasceu guerreiro. Foi a batalhar que firmou o existir. Nos campos de batalha conquistou a independencia; nos campos de batalha alcançou a definitiva configuração.

Enformando, constituindo-se, robustecendo-se, procedeu segundo as proprias necessidades e as idéas, usos e costumes do seculo que o viu nascer. Teve aristocracia secular e aristocracia ecclesiastica, teve barões e ricos-homens, poderosos e dominadores, como teve prelados aguerredos, mais familiarizados com o elmo e a maça de armas, do que habituados ao uso da theara e do baculo episcopal. Havendo de enxotar, em summa, para além do mar os restos do islamismo, invasor e dominador das Hespanhas, utilisou o incansavel e valedor esforço de uma milicia tonsurada, que o viver asceta e as proezas tradicionaes da cavallaria, exaltadas pela creença ardente do mysticismo christão, tornavam invencivel.

Foram, pois, a nobreza, a Igreja e as ordens de cavallaria os tres poderes com quem a corôa repartiu, durante seculos, bens, terras, senhorios, e foram os tristes resultados do predomínio dominador d'estas tres poderosas entidades que tantas vezes deram a Portugal, por seus deploraveis effectos, a apparencia feudalicia de que elle, em realidade, nunca foi exemplo.

Ora pagando verdadeiros serviços de guerra, ora procurando aquietar a sempre crescente ambição dos dadivados, os monarchas, attentos umas vezes ás conveniencias da propria politica, outras procurando assegurar cá da terra o eterno perdão dos céus, por faltas verdadeiras e suppostas, de que eram, com effecto, ou se imaginavam réus perante o Eterno, viam se imitados pelas não menos dadivosas liberalidades dos particulares, enriquecendo a Igreja, cathedraes e mosteiros, por tal forma, que, no reinado de Affonso II, o melhor da riqueza territorial do paiz andava na posse dos claustros, cabidos e commendas.

Os esterilizadores resultados de semelhante desastrosa orientação não se fizeram esperar n'um paiz já de si empobrecido

por seu quasi continuo estado de guerra, e pela devastação, inevitavel consecretaria d'este estado.

O quadro do que era Portugal como territorio, n'essas calamitosas eras, não o distancia por extremo do resto da Europa medieva. O seu aspecto alpestre e bravo, os seus extensos matagaes, as suas desoladoras solidões, as profundas brenhas que nelle se entreteciam, os alcantilados precipicios que o eriçavam, o triste e melancolico silencio de seus ermos, apenas interrompido pelo aqoutar das tempestades, bem nos podem fazer comprehender quanto e quão poderoso seria o estímulo que insufflavam na paixão venatoria de seus em brutecidos habitantes.

E' certo que Sancho I, pelo disvelo com que procurou desbravar o reino, semeando de colonias nacionaes e estrangeiras os seus dilatados desertos, bem mereceu da Historia o cognome de *Povoador*. E não é menos sabido que Affonso II procurou pôr termo á nociva liberdade que a Igreja usufruia de adquirir e monopolisar os bens de que andava de posse, quer por deixas testamentarias, quer por doações dos soberanos antecessores d'este reinante, contractos de compras, escambos e outras operações *pidosas*. O mesmo Sancho I, o infeliz Sancho II e o avaro Affonso III, não se despresando de serem reis lavradores, tiveram bom imitador em Diniz, que, por singular preferencia do destino, veio a herdar, consubstanciando-se com a sua nomeada, a divisa de *Lavrador*, tanto ou melhor merecida por aquelles seus régios avoengos.

Todas estas boas praticas, porém, todas as providencias imaginadas pela corôa para remediar males, de que ella, por outro lado, se constituia fautora reincidente, não tinham poder para obrigar os mosteiros, as ordens de cavallaria e a mesma nobreza a aproveitarem, em seu proprio interesse, e virtualmente no do paiz, as immensas generosidades de que eram objecto, quer por parte da dadivosa corôa, quer por parte dos nobres e do povo. Era assim que, ou por escrupulos de consciencia nos monarchas e nos grandes, ou por sincera e bronca devoção, nos mais humildes, iam ficando improductivos em poder da Igreja e dos Templarios e outras ordens militantes, herdades, casaes e extensos tractos de terras a que se não dava cultura nem amanho de nenhuma especie.

As solidões não deixavam de estender-se por dilatados espaços, o aspecto e o clima do paiz continuavam alpestres e asperri-mos por grande parte do reino. Desculpando-se com a rareza dos habitantes, e consequentemente com a falta de servos rusticos e com a elevação dos salarios, de que ellas eram as proprias causadoras, as ordens militares e as prelazias, abandonando ao inculco os immensos dominios, só zelavam com feroz ciúme as suas coutadas enormes, conservadas e mantidas para a pessoal distração de seus orgulhosos membros.

Por seu lado, a corôa procedia n'este particular de modo semelhante. Nos reinados a que temos feito referencia, e ainda nos seguintes, até ao do efeminado Fernando, os ursos coutavam-se como veados, e as brenhas de Riba Douro e Riba Coa

eram o viveiro onde se acolhiam as feras com que luctou D. Diniz, que, segundo já notámos, se viu em transe de ser atassalhado por uma, e o irmão de D. Fernando, o infante D. João, que em Riba Coa esteve a ponto de ser afogado por outra.

Na segunda metade do seculo XIV, as coutadas reaes retalhavam o paiz por toda a parte, e já vimos que, posteriormente, Affonso V não as julgando ainda bastantes para seu recreio, creou outras novas, e não menos extensas.

Nos dias d'este monarcha, isto é, no terceiro quartel do seculo XV, os mattos de Pinhel enredavam-se tão bastos e tão altos sobre os montes, como no tempo de D. Diniz se mostravam verdadeiros sertões os montados de Beja.

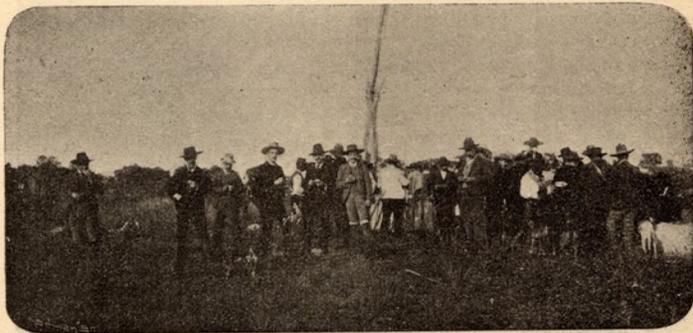
Temiveis alcateias de lobos os povoavam, ursos e javalis ferocissimos ali tinham segura estancia. Os estragos que se melhante viação, e ainda as aguias que preavam o reino, causavam nos predios

lisação no dia 22 do mez findo, para o que no comboio das 7 e $\frac{3}{4}$ da manhã seguiram para a Casa Branca os srs. Simas Buys, visconde de Athouguia, Augusto Ferreira Pinto Basto, Hippolito Maury, João Esteves de Carvalho, Feliciano Thomé Dias da Silva, Pereira da Mello, Adolpho Lima Mayer, Antunes dos Santos e filho, Carlos Campos, Thomaz Coelho, Sebastião da Cunha e Silva, dr. Carlos Alves do Rio, Alfredo Carvalho, Arthur Andrade, João Chrisostomo Monteiro, Guilherme Gomes, D. João de Noronha, José Teroni, H. Brederod, Ernesto Salles e filho, Eduardo de Roure, Alberto Maya, Jorge Graça, Thomaz de Mendonça, Antonio Abreu e Mendes Neutel.

Esta casa que pela sua construcção — estylo minhôto — se destaca das edificações da Villa da Prata, onde é situada, desfraldava á chegada do comboio a bandeira do grupo, que na estação a esperar os convidados, tinha os srs. Luiz Cesar Waza d'Andrade, D. Luiz da Cunha Menezes e Arthur de Mello.

Trocados os cumprimentos, em carros alemtejanos (cinco eram elles) marcharam os caçadores para o sitio da batida.

Dividiu-se este em duas *manchas* em que foram explorados os mattos de Aguas do Seivira e Poço da Rua, morrendo duas raposas ás es pingardas dos srs. D. João de Noronha, e Salva



Phot. de José Antunes dos Santos, amator.

NA CASA BRANCA — GRUPO DO GRADIL

Os caçadores na batida ás rapozas no dia 22 de março

cultivados eram pelos pobres lavradores e pegureiros considerados como o maior de todos os flagellos.

Não obstante, o rei e os nobres não deixavam de agravar os concelhos, retalhando-os de defezas e tapadas, para seu particular regalo.

Quanto ao remedio a dar á multidão enorme de aguias que descendo das solidões aos povoados, arrebata a caça domestica, inventou-se, para as dizimar, uma nova imposição para os bésteiros; — a de apresentarem, periodicamente, nas cabeças concelhias, certo numero de mãos d'esta ave destruidora.

(Continúa)

GOMES DE BRITO

Um grupo modelo

Caçada ás rapozas

Cinco amigos e assignantes do *Tiro Civil* caçadores entusiastas de Lisboa tendo a ligal-os a maisfraternal amizade, formaram ha tempos um grupo que designaram *Grupo do Gradil*.

Para centro das suas operações cynegeticas, deu o grupo preferencia á provincia do Alemtejo, indo construir na Casa Branca um pequeno *chateau de chasse*, do plano de um não menos entusiasta caçador o sr. Guilherme Gomes. A conclusão da elegante casinha quizeram os seus proprietarios solemnisal-a com uma festa a que concorreram da capital os caçadores amigos mais intimos do grupo. Teve esta festa a sua rea-

ção Carracha e sendo ferida outra que a custo conseguiu encovar-se, pelo sr. Arthur d'Andrade.

Ao declinar da tarde recolheram os caçadores a *quartel* onde um bem provido jantar os aguardava. Durante a refeição que correu animadissima trocaram-se entusiasticos brindes entre os srs. do Gradil e os convidados.

As duas gravuras que publicamos, a caza e um grupo de caçadores, foram-nos offercidas, as photographias pelo sr. José Antunes dos Santos, Junior, que penhoradissimos agradecemos.

No genero é esta uma das mais bellas festas a que temos assistido.

MENDES NEUTEL.

Associação dos Caçadores Portuguezes

A requerimento de 21 associados foi convocada a assembléa geral d'esta associação a reunir em sessão extraordinaria no dia 31 de março ultimo, a fim de se tratar de assumpto urgente sobre os actos da actual direcção.

Como não houvesse numero para a assembléa funcionar, realizar-se-ha a reunião no proximo dia 7.

Segundo consta a direcção mostrou-se intransigente ás imposições dos associados que firmaram o requerimento, porquanto ellas importavam a uma falta de leal camaradagem para com um dos directores e representavam a abdicção da sua orientação de economia e legalidade.

A actual Direcção nas suas sessões de 18 de fevereiro ultimo até igual data do subseqente mez de março, admitiu socios da collectividade aos srs. Luiz Carlos Simões Ferreira, Norberto Duarte Merval, José Pedro Antunes Moreira, Antonio José Malheiro, Abilio Firmino Pires, José de Sousa Junior, Francisco d'Almeida, Agos-

tinho da Silva Horta, José de Sá Nogueira, Antonio Ildefonso, Victorino da Silva Coelho, Joaquim de Sousa Ferreira, Alfredo d'Oliveira Pires, Luciano Martino Ribeiro Rodrigues, D. José de Mello Valdez, José Simões, Alberto Carlos Lima, Vasco Mousinho da Silveira, Eugenio Gomes Machado, Julio de C. Furstean, Manuel Luiz Passarinho Figueiredo, Domingos Figueira da Silva, Roque Manuel d'Arriaga, José Simões Carnoto, Alberto Augusto de Campos Oliveira, Luiz Perestrello d'Orey, Antonio de Mendia, José d'Alcantara Ferreira das Neves, Francisco Maria Guerreiro, Vicente de Mattos Coelho, Francisco Silva e Francisco Soares de Figueiredo.

Associação Protectora da Caça em Tempo Defezó

Porque o pouco espaço disponível do nosso jornal não comporta a noticia da reunião de assembléa geral realisada n'esta associação na noute de 30 do mez findo, para apresentação, discussão e votação do relatório e parecer do Conselho fiscal e eleição dos cargos vagos nos corpos gerentes, dal-a-hemos no proximo numero.

Corremos logo a indagar da veracidade da noticia, entre a duvida e a esperança, uma s-crreta esperança de vêr confirmado o boato, que tanto nos alvorçára. Mas fomos feridos pela mais cruel desillusão que pôde ferir um peito humano!.. O desespero quasi que nos fez saltar as lagrimas. Era falsa a noticia, falsa! O Pini nem qual Merignac! Não vemos nenhum d'elles, sósinho que fosse, quanto mais juntos.

Seria um espectáculo unico, seria, mas não para os olhos dos pobres portuguezes, tão perdidos no extremo d'esse mundo habitado de gente que se diz civilisada.

Dois ou tres dias depois, já sem o esperarmos, vemos anunciado em cartazes pelas esquinas o grande acontecimento. Era então verdade?! Sempre veriamos os dois campeões baterem-se com aquelle seu tão fallado denodo! Não havia a menor duvida: no dia 19 teriamos o tão invejado prazer de vêr sobre o palco do D. Amelia, Merignac, o maior atirador da escola franceza e Pini o maior da escola italiana.

Corremos pressurosos a occupar o nosso lugar, o melhor que podemos arranjar, e ás tres e tres quartos, pouco mais ou menos da tarde do dia anunciado vimos com estes olhos que a

Diziamos nós que uma descripção minuciosa d'elles era difficil tarefa, quasi impossivel, deviamos ter dito antes. Eram tão rapidos os ataques de qualquer dos combatentes que nós, de lugar que occupavamos na platéa, difficilmente seguíamos com os olhos — ainda que para o conseguir applicassemos todo o esforço de que eramos capazes — os movimentos febris d'aquellas laminas, as circumferecias, as ellipses as curvas e rectas que as pontas traçavam, sibillantes, no ar esperso da sala, animados d'um não sei que diabolico espirito.

Foi um curioso espectáculo aquelle a que nós — isolados n'este angulo extremo da Europa civilisada — estamos tão pouco acostumados a assistir. Era novidade aquella lucha entre os dois maiores mestres das duas escolas rivas, e d'ahi o grande interesse que ella despertou mal correu entre os amadores o boato da vinda dos dois notaveis mestres. Confirma-se o boato, annuncia-se inesperadamente o espectáculo, e eil-os, todos os apaixonados pelas armas — que são infelizmente poucos — a acclamar, consoante as suas predilecções para qualquer das duas escolas, os celebres atiradores.

E nós lá fomos tambem. Pensavamos nós, como o maior numero, que iamos finalmente vêr liquidar-se n'aquelle assalto a grande e eterna questão da superioridade da escola, questão que motivou, ha pouco tempo ainda, os dois celebres duellos de Merignac Kirchhoffer com dois mestres italianos, em que estes ficaram feridos. Mas n'estes duellos nada se resolveu em favor de qualquer d'elles, porque — alegavam os partidarios da escola italiana — eram os mestres italianos muito inferiores aos dois celebres francezes. Iamos enganados, confessamol-o e soffremos uma grande desillusão. N'es:e assalto nada vimos que confirmasse a superioridade d'uma esgrima sobre a outra... No entanto, o ponco que vimos foi em favor da esgrima franceza, digamol-o em abono da verdade.

Não tinhamos nós lido nos cartazes o nome do nosso mestre Antonio Martins. Foi, pois, enorme a surpresa quando o vimos apparecer na prancha ao lado de Merignac. Sentimos um grande jubilo! Iamos assistir a um assalto de pura escola franceza, — d'aquella elegante e fina esgrima que elle ensina na sua sala de armas. Preparamo-nos para nos diliciarmos com as bellas cousas que iamos vêr — que nós, diga-se aqui de passagem, somos apaixonados pela esgrima franceza.

D'esta vez não nos illudimos, não. Enche-se nos o coração de orgulho, porque, enfim, nós somos portuguezes, e, embora digamos tanto mal de tudo que é nosso, não podemos deixar de nos enthusiasmar, ao vêrmos um portuguez fazer uma tão brilhante figura, como a que Martins fez, ao lado de um estrangeiro, e da força de Merignac.

Duas vezes, duas, o proprio Merignac interrompeu o assalto e deu um bravo a Antonio Martins, bravo que ecoou no peito de todos nós commovidamente.

O fino e brilhante assalto dos dois mestres, terminou com uma enthusiasmica ovação, maior ainda do que aquella que lhe foi feita quando appareceram na prancha.

Quando Martins se retirou, Pini veiu ao bastidor felicitar o nosso mestre pelo seu bello assalto.

Era, pois, legitimo o nosso orgulho. Já o anno passado, no salão da Trindade, Martins, teve occasião de crusar o seu ferro, com um ferro não menos notavel do que o de Merignac: o de Kirchhoffer. Esse assalto foi cheio de brilhantismo, fino e elegante, apesar de Martins, a esse tempo estar afastado de uma cousa indispensavel, — que tão necessaria é sempre, o treino. A mão tinha-a elle pesada pelo empunhar constante do sabre, tão rudemente sacudido em lições continuas, e não emendada por um *plastron* bem feito.

Contudo, n'essas condições de inferioridade, mostrou elle que era, — sem contestação possível, — um grande mestre!

E d'essa vez ainda foi legitimo o nosso orgulho.

Depois da sua estada em Paris, onde trabalhou com os seus antigos mestres, tornou para nós com a mão de novo leve e delicada, com o jogo fino e penetrante que outro dia nos mostrou ao atirar com Merignac no palco do D. Amelia.

Apparecem, por fim, na prancha os dois celebres mestres estrangeiros.



NA CASA BRANCA

Phot. de José Antunes dos Santos, amator.

O solar do «Grupo do Gradil»

Novo Tiro aos pombos

Um grupo de caçadores, composto pelos srs. Daniel Lane, Antonio Nunes Sequeira, Joaquim de Souza Bijou, Joaquim Marques d'Almeida, Jorge Debonaire, José Emydio Corrêa Guedes, José Joaquim Hilario de Souza, José M. Gouveia, José Vicente d'Oliveira Junior, Julio Figueira, Manuel Cosme Gomes e Manuel Carreira Moreira fundaram um novo Tiro aos pombos, cuja inauguração teve lugar no dia 15 do mez findo, no Casal do Alvito, em terrenos pertencentes ao sr. José Vicente d'Oliveira.

ESGRIMA

Pini e Merignac

Liamos nós n'um jornal estrangeiro a noticia do *match* entre Pini e Merignac, disputados em Madrid, que tão grande interesse despertára e lamentavamos cheios da mais desoladora tristeza não termos a dita de vê-los com os proprios olhos, quando alguém nos disse abruptamente: — Pini e Merignac vêm assaltar no D. Amelia, contractados pelo visconde de S. Luiz de Braga.

Ficámos de bocca aberta, mudos de espanto! Pini e Merignac em Lisboa e contractados pelo visconde de S. Luiz de Braga!... Seria possível?!

terra hade comer, apparecer sobre a prancha cheios de relevo á luz intensa da ribalta, as figuras tão dissimilhanes dos dois notaveis mestres.

Foi aquella uma festa esplendida sob todos os pontos de vista. O visconde de S. Luiz de Braga merece o nosso applauso justamente agradecido. Elle bem sabia que com a vinda a Lisboa dos dois esgrimistas estrangeiros não havia de correr ouro em abundancia para dentro das gavetas do seu cofre; mas não se temeu d'isso... E é a elle, ao intelligente emperezario, tão emprensador e tão util para nós todos, que devemos ainda d'esta vez o prazer de vêr mais estas duas notabilidades, do que lhe estamos reconhecidos em extremo.

A festa constou de seis assaltos, cinco ao florete e um ao sabre. De todos, dois foram os que mais nos interessaram: os assaltos entre Merignac e o nosso mestre Antonio Martins e entre Merignac e Pini.

Fazer uma descripção minuciosa de cada assalto era tarefa muito difficil, que nos levava muito tempo, e tomava muito espaço, tão preciso sempre. Limitar-nos-hemos, pois, a deixar para aqui n'estas columnas, mal alinhavadas por incompetencia nossa, as impressões — as mais intensas — que nos deram os dois soberbos assaltos a que tivemos a felicidade de assistir.

Não queremos dizer com isto que todos os outros assaltos não fossem dignos do maior apreço. Foram-no incontestavelmente, mas n'este lugar occupar-nos-hemos sómente dos assaltos dos mestres.

São duas bellas figuras que se impoem. São em tudo diferentes uma da outra, Lucian Mérignac, alto bastante, magro, flexível como um yme, de movimentos um tanto abandonados; Pini, não muito alto, membrado como um gladiador, de movimentos seccos e angulosos.

Caem em guarda ambos; Merignac n'uma correção inexcusable, todo nas pernas, o rosto sereno; Pini, pouco assente nas pernas, a cabeça um pouco pendida sobre o peito, com o corpo tambem um pouco inclinado para a frente, franzidos os labios n'um sorriso levemente ironico, mal definido talvez.

Depois de um momento, Merignac inicia o combate por um ataque energico. Succedem-se então, d'uma e d'outra parte, ataques rijos e paradas cheias de auctoridade, em phrasas pouco extensas, com muito *corps à corps*.

Com difficuldade se consegue perceber os movimentos d'aquellas duas laminas, tão confusas ellas são! Mesmo aos olhos experientes por longa pratica, elles escaparam. estamos certos. O que não succederia aos nossos! A cada instante perdiamos de vista os ferros n'aquella impetuosa luta, de corpo a corpo.

De cada momento viamol-os sem ferros, os dois contendores, luctando com os peitos um ao outro unidos.

Era tactica de Pini o lançar-se sobre o seu adversario para evitar assim o ataque de alcance de Merignac que já o attingira com o *coup droit*, um *beau développement*, facil, coberto, franco e gracioso.

O jogo de Pini não tem escola — ouso dizel-o — é inteiramente pessoal. As suas condições phisicas exceptionaes e um temperamento de luctador, de que elle sabe tirar tão grandes vantagens, fizeram de Pini o primeiro de uma escola a que elle na realidade não pertence, ou antes, a que pertence por muito pouco.

O seu jogo é duro, usando sempre da grande força de que é dotado. Nada de ataques subteis, de delicadeza, de finura.

No entanto esse mesmo jogo impõe-se pela sua originalidade, pela impetuosidade, pela energia e ás vezes tambem por algum espalhafato.

Merignac é um completo contraste. Embora tão diferentes ambos, ambos são egualmente dextros. Sim, ambos egualmente dextros, mas em tudo são diferentes! Pini, d'uma dextreza acompanhada de gritos, de bruscos movimentos, de arrancos impetuosos a que o obriga o seu temperamento; Merignac, silencioso e calmo, sem um grito, sem marchas barulhentas, d'uma grande sobriedade de movimentos e estes são graciosos sempre. E não era menos dextro que Pini, talvez mais dextro ainda.

Merignac oppunha ao ataque extremamente rijo e á parada cheia de força de Pini, o seu jogo facil e ligeiro feito de ataques graciosamente simples e paradas leves em extremo.

A ovação que os dois mestres receberam, estava a altura dos seus meritos exceptionaes e estamos certos que elles levaram de nós gratas recordações e a certeza de que embora seja pequeno o numero de amadores d'essa bella arte, em Portugal, esse numero pequeno como é, educado por um mestre e artista de subido valor, que é Antonio Martius, sabe avaliar a verdadeira arte e dar o devido apreço ao que é realmente bom e bello.

Mais notabilidades

No corrente mez, a 7 e 15, teremos a visita dos celebres esgrimistas francezes Kirchoffer e Merignac pae, devida á oportuna e benifica intervenção do *Centro Nacional d'Esgrima*. Kirchoffer é já conhecido e justamente apreciado entre nós. Merignac pae é um dos mais, senão o mais conceituado mestre d'armas da França, que como combatente, conseguiu sair da *prancha* sem ser vencido, egulando-se sempre ao grande *Vigeant*.

Centro Nacional d'Esgrima

No salão de S. Carlos já começaram as obras, para a instalação d'este centro d'educação phisica, do qual n'um dos proximos numeros trataremos mais detidamente.

Falla-se na ida a Madrid, no proximo mez de maio, do distincto mestre d'armas Antonio Martins e de alguns seus discipulos.

NAUTICA

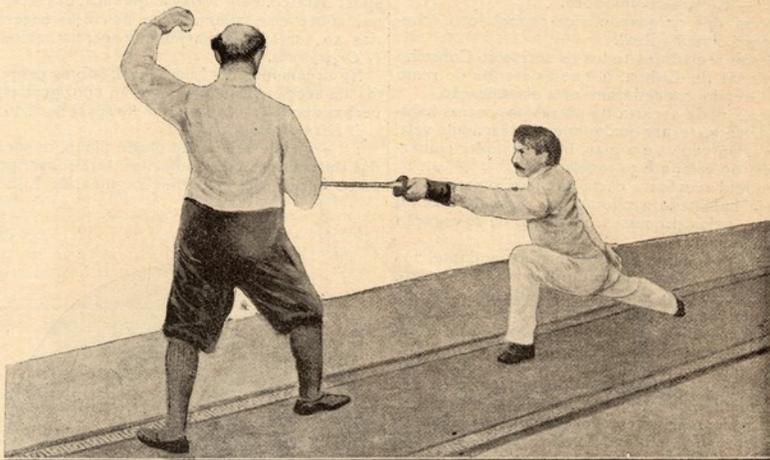
Real Club Naval de Lisboa

Recebemos, e muito agradecemos, um elegante annuario d'este prospero e distincto club.

E' uma novidade; nunca em o nosso paiz as associações nauticas tinham feito publicação identica e, digamos em abono da verdade, abre com chave de ouro.

O precioso livrinho contem nas suas bellas quasi cem paginas a historia do R. C. N. no anno findo de 1902; regatas, regulamentos, passeios, etc., a par de listas de socios de todas as categorias, de barcos registados, de classificações, assim como quadros com os signaes e bandeiras a côres do Club e outros de signaes privativos registados, tambem a côres.

Bellas photogravuras de alguns barcos vencedores illustram esta publicação que



OS MESTRES D'ARMAS PINI E MERIGNAC NO THEATRO DE D. AMELIA

honra sobremaneira o Conselho Director do Club que tão bem sabe elevar o *sport* nautico nacional, contando só com as proprias forças.

Os nossos parabens e mais uma vez os nossos agradecimentos pelo livro e pela transcrição d'uma noticia da nossa revista a proposito d'um passeio á Cruz Quebrada.

Desenvolvimento do sport nautico em Portugal

Sob este titulo recebemos, e publicamos como curiosidade, o projecto que segue.

Quer-nos, porém, parecer, nunca chegará a ser posto em pratica. Não nos é licito comprehender o empenho, a tenacidade, que parece haver em acabar com a R. A. N. e com o R. C. N. L.

D'estas tendencias de absorção escaparam o *Club Naval Madeirense* e o *Club dos Aspirantes de Marinha*, porque... mysterio.

O melhor é que, por tal forma os querem fazer passar á historia, que até pelo n.º 4 das disposições transitorias d'este plano, lhe são destinadas umas salas *mausoleu*, para ali, encimado pela inscripção — *Aqui jaz, unidos na santa paz da eternidade, quem em vida tão mal unido viveu* — serem guardados todos os seus despojos!...

O que nos parece, podemos affirmal-o, é que nem o *Real Club* nem a *Real Associação* foram, sequer, ouvidos n'esta questão, para elles de tão alto interesse. Segue o:

PLANO GERAL

I

Para dar cumprimento ao voto n.º 56 do Congresso Maritimo Nacional de 1903, a Liga Naval Portuguesa criará, em harmonia com o prescripto no capitulo XI dos seus Estatutos, approvados por decreto de 24 de dezembro de 1902, junto dos seus Conselhos Regionaes e Juntas locais, Gremios de Sport Nautico, que tomarão a designação da localidade em que se estabelecerem. Assim, teremos «Gremio de Sport Nautico de Lisboa», «Gremio de Sport Nautico do Porto», «Gremio de Sport Nautico de Villa Real de Santo Antonio», etc.

Estes gremios serão dirigidos pelas secções de Sport Nautico dos respectivos conselhos regionaes ou juntas locais, a que serão aggregados, nos termos do § unico do art. 28.º, todos os socios que para tal fim sejam necessarios, dentro das prescripções dos respectivos regulamentos, que serão, para cada gremio, approvados, em especial, pelo governo.

Tendo cada gremio um regulamento adaptado, em especial, ás condições de localidade em que se estabelecer, serão, comtudo, uniformes as linhas geraes da sua organização, que serão

delineadas pela 3.ª secção — «Marinha de Recreio» — do Conselho Geral, a que pertence a direcção superior da acção do conjunto do Sport Nautico Nacional.

E assim, o todo se organizará methodicamente, creando o Conselho Geral os *Cups* necessarios, para serem disputados entre os diferentes Gremios, e adoptando-se um plano de instrucção que facilite a organização de Sport Nautico como reserva Naval, a qual depois se poderá fazer sem difficuldade

II

N'estes termos, poderá organizar-se pelo modo seguinte o sport nautico, em Lisboa:

GREMIO DE SPORT NAUTICO DE LISBOA

— Constituido pela *Real Associação Naval*, e pelo *Real Club Naval*: —

(Esta designação será sempre inscripta sob o nome primeiro, em homenagem ao exforço d'estas duas associações, que tanto teem trabalhado pelo progresso do sport nautico).

a) *Direcção*. Da 2.ª Secção do Conselho Regional da Liga Naval.

Como garantia para os socios fundadores do *Real Club Naval* de Lisboa, determinar-se-ha no Regulamento, que elles façam sempre parte d'esta secção, quando não queiram delegar em outros socios a sua representação na mesma secção.

Como garantia para os *Contra-commodores* das duas Associações, que serão conservados em seus cargos, determinará o Regulamento que

sempre façam parte da 3.ª secção do Conselho Geral, quando não queiram delegar em outros socios a sua representação n'esta secção.

b) *Regulamentos.* Estabelecidos com o que ha de melhor nos regulamentos das duas associações acima mencionadas, e nos regulamentos dos Clubs Nauticos do estrangeiro.

c) *Cups.* Estabelecer-se-hão desde já dois, um para a regata Leixões-Lisboa, e outro para a regata do anniversario de Suas Magestades, em Cascaes.

d) *Distinctivos.* Todas as embarcações do gremio usarão como distinctivos, da bandeira branca dos galeões da India, e um galhardete branco alongado, com a cruz de Christo junto á tralha, nos termos do artigo 72.º dos Estatutos da Liga Naval.

Para distinguir as embarcações do Gremio de Lisboa das dos outros gremios, usar-se-ha um distinctivo especial que represente a junção dos distinctivos das duas associações acima indicados. Este distinctivo pode ser um galhardete azul e branco, tendo ao centro a coroa real.

e) *Gradações e respectiva instrução.*

Haverá no Regulamento, os seguintes graus:

- 1.º — Remador.
- 2.º — Patrão.
- 3.º — Official.
- 4.º — Commandante.
- 5.º — Contra-commodoro.

Alem dos cargos de vice-commodoro, inherentes á Familia Real.

Serão remadores todos os socios do Conselho Regional de Lisboa, a que as escolas de remo do Gremio concederam esta classificação.

Será dada a carta de patrão aos socios habilitados a governar qualquer embarcação de vela, remos ou vapor, e a manobrar qualquer embarcação de vela, até 50 toneladas.

Poderá receber a carta d'official, o patrão que esteja habilitado a pilotar um yacht de vela ou vapor, pelos processos correntes da navegação astronómica.

Será concedida a carta de commandante, aos officiaes que tendo mais de dois annos de posto, e não menos de 120 derrotas feitas em navio de vela ou vapor, esteja habilitado a commandar qualquer yacht, em qualquer navegação, e em quaesquer condições de tempo e mar.

Finalmente, o grau de contra-commodoro poderá ser concedido, em numero limitado, aos commandantes com mais de 4 annos de posto, que mais relevantes serviços tenham prestado ao sport nautico, ou, a titulo honorario, aos proprietarios de yachts que tenham contribuido poderosamente para o desenvolvimento da marinha de recreio.

A Liga Naval installará os cursos necessarios para a educação d'esses diferentes graus, anexas á sua escola de pilotagem, e no regulamento do Gremio, se fixarão as condições rigorosas dos exames a que serão submetidos os candidatos ás cartas dos diferentes graus.

f) *Uniformes.*

- De serviço
- 1.º — Remadores: camisola e gorro;
 - 2.º — Patrões: jaquetão, com um galão de 0^m.009 e bannet com francalete preto;
 - 3.º — Officiaes: jaquetão, com 2 galões de 0^m.009 e bonnet com francalete de oiro;
 - 4.º — Commandantes: jaquetão, com um galão de 0^m.02, e bonnet com francalete de oiro e pala adebroada a oiro;
 - 5.º — Commodoros: jaquetão com um galão de 0^m.04, e bonnet com francalete de oiro e bordado de oiro na pala, tendo 1, 2 ou 3 estréllas d'oiro no braço, para distinguir os 3 graus, em ordem ascendente.

- De gala
- 1.º — Remadores: calça azul, jaqueta sem galões e bonnet;
 - 2.º — Patrões: calça de galão de oiro de 0^m.02, jaqueta com um galão de 0^m.009 e bonnet;
 - 3.º — Officiaes: calça de galão de oiro de 0^m.02, jaqueta com 2 galões de 0^m.009 e bonnet;

De gala

- 4.º — Commandantes: calça de galão de 0^m.04, jaqueta com um galão de 0^m.02 e bonnet;
- 5.º — Commodoros: calça de galão de 0^m.004 e jaquetão, ou casaca, com galão de 0^m.004.

Todos estes uniformes de padrão fixado no Regulamento, sendo os bonnets semelhantes aos officiaes da arma, com a differença de ter em vez da ancora, a cruz de Christo, em esmalte, sobre um escudo de prata.

Para distinguir os uniformes do Gremio de Lisboa, dos dos outros gremios, a que, só em casos excepcionaes, será concedido ter os graus honorificos, todos os uniformes terão na gola a coroa real, sobre as letras G. L. bordadas a oiro.

g) *insignias especiaes*

Os officiaes, commandantes e commodoros, e os socios que façam parte das secções de sport nautico do conselho regional ou do conselho geral, poderão usar, com o uniforme de gala, o collar e venera, de modelo aprenhado pela casa F. Costa — para ser adoptado pela Liga Naval.

h) *Gabinete de Consulta Nautica.*

A Liga Naval creará no seu gabinete da Consulta Nautica, uma secção especial destinada ao sport nautico, com todas as publicações modernas sobre este assumpto; e as cartas necessarias ao serviço da marinha de recreio nacional.

i) *Orçamenta.*

No orçamento da Liga Naval, sob as propostas da secção respectivas, serão consignadas as verbas necessarias ao serviço do sport nautico.

j) *Disposições transitórias.*

1.º — Para a realisação d'este plano, os socios das duas associações indicadas, serão inscriptos como socios do Conselho Regional de Lisboa,



WILLIAM BLECK

Distincto sportsman,
Director do Club Portuguez de Lawn-Tennis

da Liga Naval Portugueza, passando assim a ter, além dos direitos de que hoje gosam, os dos socios da Liga Naval Portugueza.

2.º — O primeiro posto nautico do Gremio será o do Real Club Naval, em Santos.

3.º — A séde do Gremio de Sport Nautico, será installada com a da secção respectiva, na séde da Liga Naval, ao Chiado.

4.º — N'esta séde, serão religiosamente conservados, em salas que tomarão o nome d'aquella associação, todos os tropheos, bandeiras, premios, etc., que possam perpetuar o esforço das mesmas associações pelo desenvolvimento do sport nautico.

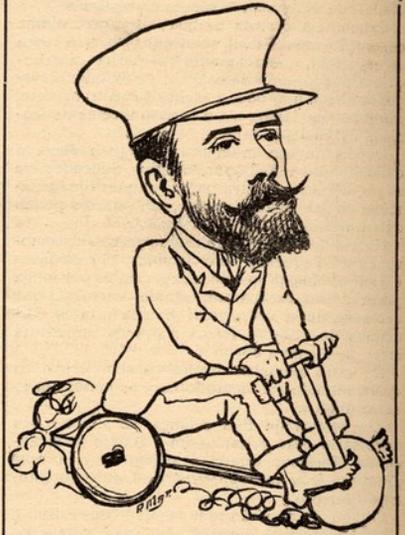
5.º — Todo o activo e passivo das referidas associações, passará a cargo do Conselho Regional de Lisboa, da Liga Naval Portugueza.

6.º — Quaesquer disposições que não estejam prevista n'este plano, e o desenvolvimento das presentes, será convenientemente disposto no Regulamento que tem de ser apresentado ao governo, para regimento do referido Gremio de Sport Nautico de Lisboa.

Lisboa, 1 de março de 1903.

A. P. M.

SPORT COMICO



Um chauffeur darraquiano, ficaram-lhe as botas no mar... manhas antigas.

Raios — X

Real Club Naval

Reuniu em 28 a assembléa geral d'este Club, para discussão e votação do relatorio e eleição dos corpos gerentes.

O relatorio foi approvedo bem como uma moção apresentada pelo sr. Benoliel, na qual se fez inteira justiça aos relevantissimos serviços prestados ao Club pelo sr. Jayme Thompson que foi alvo d'uma ruidosa manifestação de sympathia por parte de toda a assembléa que era numerosa.

Das duas listas apresentadas, venceu a recommendada pela antiga direcção.

TAUROMACHIA

A corrida extraordinaria

TOUROS DO MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR
ESPADA: BOMBITA II — CAVALLEIROS: JOSÉ BENTO
E FERNANDO D'OLIVEIRA

Fora da epocha, sem pertencer ao numero das corridas que se realisaram em 1902 nem ao das que veremos em 1903, deu-nos a empreza do Campo Pequeno, no domingo 15 do mez findo, uma corrida que denominou de extraordinaria e que era constituida por elementos de primeira ordem, á frente dos quaes figurava como espada Ricardo Torres (*Bombita II*) que é hoje ao lado de Fuentes e de *Algabeño* um dos toureiros da moda no paiz visinho.

Apezar de todos os belos elementos que Batalha & C.^a conseguiram reunir, a corrida sahiu insonsa e não despertou os espectadores da somnolencia em que todos pareciam estar mergulhados.

Os touros, pertencentes ao sr. marquez de Castello Melhor, estavam na sua maioria optimamente tratados mas a dois ou tres apenas se podem classificar de bravos. Os demais sahiam da gaiola com grande arrogancia e velocidade, mas, a breve trecho mostravam querer antes ir para o socego

da familia do que dar lide aos artistas que figuravam no cartaz e entre os quaes houve alguns que trabalharam com vontade e —vá lá a phrase, já que é costume—intelligencia.

Assim, José Bento, que dos dois cavalleiros foi o mais feliz porque lhe sahiram os melhores touros de cavallo, teve uma bella sorte de gaiola e no seu segundo touro collocou alguns ferros que mereceram palmas, e que maior brilho teriam, se as sortes não fossem por vezes algo precipitadas.

Fernando pouco poud sangrar, mas esteve á altura dos seus creditos de artista distinctissimo na forma como mediu os terrenos e procurou os seus antagonistas.

Da gente de pé, *Bombita Chico*, não esteve nas suas tardes mais felizes, tendo com as bandarilhas alguns pares a cambio um dos quaes muito bom, com a muleta, o seu trabalho não conseguiu entusiasmar, porque os touros fugiam-lhe e não davam azo a adornos.

De outros peões ha a citar em bandarilhas tres bons pares, um a cambio, de Manuel dos Santos; dois de Cadete; alguns de Torres Branco que foi para a cabeça das rezes com todos os preceitos, frescura e elegancia; dois de Rocha; uma gaiola e alguns pares de Theodoro que assim como um dos hespanhoes esteve incansavel na brega, etc.

Pegas houve algumas *de cara* boas, destacando-se a feita por José Russo ao segundo touro e as *avolta* não tiveram effeito pela forma atabalhoada como foram executadas. Direcção de Manuel Botas acer-

tada umas vezes, outras collaborando com o publico.

E eis o que foi a corrida que tão bons elementos apresentava, e a que touros e tempo, conseguiram tirar o esp-rado brilhantismo.

ESCAMON.

NOTAS SOLTAS

No fim da corrida do dia 15 e quando a praça já estava evacuada, largou-se de novo um dos animaes já lidados e fez-se a experiencia de dois poldros de combate pertencentes a Fernando de Oliveira, montando este cavalleiro um d'elles e Simões Serra o outro.

Demonstraram boas condieções para o toureiro mas precisam ainda de bastante ensino.

Os espadas já contractados pela empreza do Campo Pequeno são Fuentes, *Algabeno*. Antonio Montes que parece será o *diestro* escolhido para a corrida do dia 12. *Lagartijo*, *Machaquito* e *Chicuelo*. Alem d'estes veremos Emilio Torres, o *Bombita* grande como lhe chamam em Hespanha, talvez *Reverte*, *Revertito* e *Gallito* e diz-se ainda que Luiz Mazzantini, o que não acreditamos pois é um artista que não é sympathico ao nosso publico, cujo trabalho não agrada nas nossas praças e que nas suas ultimas vindas a Lisboa tem despertado scenas desagradaveis que se devem evitar e não convem que se repitam.

De artistas portuguezes a pé e a cavallo tem a empreza contractados o que melhor temos, assim como já alugou touros a algumas das principaes *ganaderias*.

A empreza da praça de Madrid que para a novilhada do dia 15 do mez passado já escolheu gado d'um creador portuguez — o sr. Luiz Patricio, de Coruche — comprou para as corridas formaes da epocha que ali se inaugura, como em Lisboa, no proximo dia 12, um outro curro, ao sr. Luiz Patricio e varios ao sr. José Pereira Palha Blanco.

E a proposito de touros portuguezes: Dizemos que para a epocha de 1904 se lidarão em Hespanha touros dos srs. marquez de Castello Melhor e Faustino da Gama e na de 1905 os dos srs. Victorino Froes e Estevam d'Oliveira, sendo os d'este creador os unicos que não são resultado de cruzamentos com gado hespanhol.

Daremos no proximo numero uma gravura representando *Reverte* e *Bombita* n'um dos seus mais favoritos exercicios de sport.

A respectiva photographia foi-nos amavelmente cedida pelo distincto *aficionado* e nosso amigo o sr. Manuel Ferreira.

E.

MOSAICO

William Bleck

Um rapaz muito novo, mas um *sportsman* muito distincto, cultivando com verdadeiro interesse e enthusiasmo o *foot-ball*, seu jogo favorito, o *lawn-tennis* o *cricket*, a equitação, a nautica, a natação, o pedestrianismo, etc.

Possue uma medalha ganha n'um concurso de gymnastica em Londres e um diploma de natação ganho tambem em Londres; no passado verão, na regata de Cascaes, tambem obteve um premio. Em maio proximo figurará n'uma corrida pedestre organizada pela distincta colonia ingleza de Lisboa, festas estas de *sport* sempre tão originaes e cheias de interesse, que muito valor lhe dão e muito apreciadas as tornam.

William Bleck reúne a todas estas qualidades de *sportsman*, as qualidades d'um bello caracter, que o tornam estimado de quantos o conhecem, e que nos leva a dar-lhe esta prova da nossa muita consideração, illustrando as paginas d'esta revista com o seu retrato.

O «record» do kilometro em 27 segundos

O *Tiro Civil* publica hoje a gravura do famoso automovel que em Rolls bateu o *record* do

COMPANHIA

DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa — Rua da Princeza, 270 a 276

Dividendo de 1902, 6\$000 réis por acção livre de imposto de rendimento.

Juro d'obrigações, vencivel em 1 de abril de 1903.

O dividendo de 6 o/o relativo ao anno de 1902, votado em Assembléa Geral de 14 do corrente, e o juro de obrigações vencivel em 1 de abril, pagar-se-hão na séde d'esta C.^a, em todos os dias uteis desde 1 de abril, da uma ás tres horas da tar'e, e depois em todas as quartas-feiras seguintes ás mesmas horas.

No Porto estes pagamentos effectuar-se-hão como de costume no deposito d'esta C.^a, 49. Rua de Passos Manuel, 51, no dia 15 de abril e em todas as quartas-feiras seguintes, ás horas acima indicadas, devendo os srs. accionistas e obrigacionistas, que ali desejem receber, apresentar as respectivas relações no referido deposito, até ao dia 8 de abril.

Lisboa, 21 de março de 1903.

Pela Companhia do Papel do Prado

Os directores

Antonio Gonçalves Vianna de Lemos.
José Street da Cunha.

Julio Gomes Ferreira & C.^a

FORNECEDOR DA CASA REAL

ARMAZEM DE VENDA E ESCRIPTORIO

Rua da Victoria, 82 a 88

OFFICINA

Rua de S. Thlago, 17 e 19 — LISBOA

— TELEPHONE N.º 219! —

Peços especiaes em tubos de chumbo

Lustres de crystal e bronze, candelieiros e lanternas para gaz, petroleo ou vellas
Retretes, tinas, lavatorios, urinoes, bidets, syphões, autoclysmos, appparelhos a gaz para aquecer agua, tanques de ferro, torneiras e pertences para agua ou gaz, boccas d'incendio
rega, e agulhetas, mangueiras de lona e borracha, tubos de ferro e latão, fogões de cosinha e sala, etc., etc.

GAZOLINA ESPECIAL

PARA

Motores, automoveis, ferros de soldar, maçaricos e lampadas de incandescencia

Carboneto de Calcio. — Appparelhos e lampadas a acetylene

HUILLE VITESSE para automoveis

A. RIVIERE—9, Rua de S. Paulo, 1.º—LISBOA



kilometro; que percorreu em 27 segundos o que dá uma velocidade media de 133 kilometros 333 metros á hora o que é verdadeiramente espantoso.

133 kilometros! E' bem certo que a aspiração moderna é caminhar cada vez mais alem e mais rapidamente.

O break-chasse do sr. Abel Barradas

E' para nós duplamente agradável dar hoje, em photogravura, um carro d'este conhecido amator de *sport*, tanto por ter occasião de lhe patentear a nossa sympathia, como tambem por podermos mostrar uma das equipagens que, pelas suas linhas pouco vulgares, tem merecido geraes applausos de todas as pessoas de bom gosto. E' esta uma das carruagens mais bonitas que o sr. Abel Barradas possui.

Muito embora em photographia, com *pose*, nunca se possa tirar grande partido, por faltar o mais essencial — a vida — a photogravura que apresentamos parece-nos que ha de agradar pela nitidez como está feita pelo sr. João Correia um amator de largo futuro.

Jayme Tompson

Sua Magestade El-Rei acaba de agraciarr com a commenda da Ordem Militar de Christo o sr. Jayme de Vasconcellos Tompson, moço-fidalgo da sua Casa, nosso presadissimo amigo e collaborador e um dos cavalheiros a quem o *sport* nautico no nosso paiz e o *Real Club Naval* mais trabalhos e serviços devem.

A morte de mr. Ernest Legouvé

Mr. Legouvé, morto ultimamente em Paris, não era sómente um escriptor dos mais distinctos do seculo, era tambem um *sportman* de grande tempera e de ainda maior folego. Na sua magnifica propriedade, rua de S. Marc, muito proximo dos Boulevards interiores, tinha, á sua propria custa, estabelecido uma magnifica sala de armas. Ali se reuniam de tempos a tempos o que ha de mais eximio em esgrima, as maiores individualidades do mundo sportivo.

Coisa digna de registrar-se e que bem denota o seu caracter sempre conciliativo e lhano: Legouvé, não obstante ser um dos mais aperfeiçoados esgrimistas, nunca se bateu em duello, essa praga que ha muito passou a ser moda em toda a França.

A França antiga dizia de seus reis mortos: — Le roi est mort, vive le roi! como nós dizemos ainda hoje dos nossos: — Rei morto, rei posto! — que póde interpretar-se por: — A nossa pena não será duradoura. Mas a perda de um Legouvé, como d'um Victor Hugo, é irreparavel: homens-deuses pelo genio e pela elevação do espirito não pódem ser substituidos.

Os annos decorrem, os seculos succedem-se e a Historia não relata outro Homero, outro Tasso, outro Camões!

A visão do poeta orna o athaude d'um monarcha collocando a Esperança d'um lado e Polymnia do outro. Esta com o facho da vida já extincto e inclinado para a terra em signal de luto e de saudade; aquella com a ancora suspensa e o facho da vida ainda fumegante, erguido para o céu, como indicando-nos que tudo não é ainda terminado.

O athaude d'um grande genio tambem é ladeado pelas duas deusas; sómente os fachos estão ambos apagados e inclinados para a terra, a ancora da Esperança morde profundamente o solo com uma das suas extremidades, e á sua cabeceira vê-se a Historia, de olhar investigador e fronte resignada, escrevendo em letras de fogo um nome que será immortal.

Maravilhoso

E' realmente maravilhoso o exito alcançado pelos graphofones *Gigante*, de que o nosso amigo Santos Diniz é em Portugal o unico agente. Desde S. M. El-Rei, que já possui um, até os mais indifferentes, a estas tão superiores manifestações da sciencia e da industria, todos se deslumbram perante tal maravilha.

Consta-nos que o nosso amigo Santos Diniz, vae, a titulo de propaganda pelo facto, fazer algumas audições com o seu magnifico *Gigante* nos intervallos de alguns espectaculos nos nossos theatros e festas associativas.

Desde já lhe garantimos o bom resultado d'esta experiencia.

Torneios de tiro em Lisboa

Temos a registrar mais dois torneios: os de 15 e 22 de Março.

No torneio de 15 ao alvo circular empataram em 41 pontos os srs. Honorato de Mendonça e Emilio Kerselring; no alvo electrico ficou vencedor o sr. Ligorio Silvestre da Silva, com 28 pontos.

No torneio de 22, ficou vencedor no alvo cir-

cular com 48 pontos, o sr. Ligorio Silvestre da Silva.

Já deram entrada na Direcção Geral dos Serviços d'Infateria os novos estatutos da *União*.
Loanda

Do nosso solicito correspondente recebemos a noticia da realisação de umas corridas ultimamente effectuada, no velodromio *Accacio Ferreira* acompanhada d'uns lindos instantaneos que publicaremos no proximo numero.



GASTON PIEL
Callista effectivo
de Sua Alteza o Principe Real
Processos exclusivos e rigorosamente antisepticos
Consultas = Das 9 da manhã ás 5 da tarde; aos domingos até ao meio dia.
Segundas feiras das 9 ás 11, gratis para os pobres.
Praça dos Restauradores, 16
LISBOA

BANCO DE PORTUGAL
Classes inactivas

Tendo-se procedido hoje ao sorteo das obrigações das Classes Inactivas a amortisar no dia 1 d'abril proximo, annuncia-se que foram sorteados os seguintes titulos:

1.ª serie

301 a	310	6.381 a	6.390	10.761 a	10.770	14.081 a	14.090
1.321 >	1.330	6.561 >	6.570	10.981 >	10.990	14.111 >	14.120
1.571 >	1.580	6.571 >	6.580	11.131 >	11.140	14.801 >	14.810
2.061 >	2.070	7.651 >	7.660	11.501 >	11.510	14.841 >	14.850
3.281 >	3.290	8.581 >	8.590	12.361 >	12.370	15.111 >	15.120
3.311 >	3.320	8.861 >	8.870	12.391 >	12.400	16.451 >	16.460
3.501 >	3.510	8.901 >	8.910	12.771 >	12.780	15.741 >	15.750
3.521 >	3.530	9.391 >	9.400	12.791 >	12.800	16.771 >	16.780
3.611 >	3.620	9.421 >	9.430	13.021 >	13.030	18.331 >	18.340
4.551 >	4.560	9.931 >	9.940	13.551 >	13.560	18.871 >	18.880
4.931 >	4.940	10.191 >	10.200	13.611 >	13.620	19.361 >	19.370
5.531 >	5.540	10.221 >	10.230	13.931 >	13.940		

2.ª serie

21.211 a	21.220	26.511 a	26.520	29.631 a	29.640	32.671 a	32.680
22.161 >	22.170	26.751 >	26.760	29.701 >	29.710	32.871 >	32.880
23.251 >	23.260	26.771 >	26.780	29.721 >	29.730	34.211 >	34.220
23.771 >	23.780	29.931 >	29.940	29.741 >	29.750	34.291 >	34.300
24.291 >	24.300	26.941 >	26.950	30.031 >	30.040	35.801 >	35.810
24.341 >	24.350	26.981 >	26.990	30.861 >	30.870	35.831 >	35.840
24.601 >	24.610	28.061 >	28.070	31.211 >	31.220	35.881 >	35.890
25.121 >	25.130	28.981 >	28.990	31.541 >	31.550	36.111 >	36.120
26.311 >	26.320	29.051 >	29.060	32.291 >	32.300		

3.ª serie

36.541 a	36.550	38.911 a	38.920	40.311 a	40.320	42.941 a	42.950
36.751 >	36.760	38.961 >	38.970	41.051 >	41.060	44.401 >	44.410
36.941 >	36.950	39.041 >	39.050	42.201 >	42.210	44.641 >	44.650
37.121 >	37.130	39.351 >	39.360	42.321 >	42.330	44.751 >	44.760
38.661 >	38.670	39.581 >	39.590	42.471 >	42.480	44.801 >	44.810
38.791 >	38.800	39.591 >	39.600	42.691 >	42.700		

4.ª serie

47.031 a	47.040	47.881 a	47.890	50.131 a	50.140	50.841 a	50.850
47.631 >	47.640	48.121 >	48.130	50.301 >	50.310	51.141 >	51.150
47.841 >	47.850	50.061 >	50.070	50.541 >	50.550	51.541 >	51.550

O reembolso dos ditos titulos effectuar-se-ha desde o referido dia 1 d'abril, na séde do Banco de Portugal, em Lisboa, e na caixa filial, no Porto.
Banco de Portugal, 21 de março de 1993.

Pelo Banco de Portugal
Os directores
J. Motta Gomes Junior.
Antonio José Gomes Lima.

CONSULTORIO DENTARIO Saturio Augusto Paiva, *Cirurgião dentista*
• • • • • pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes.
RUA DE SANTA JUSTA, 60 2.º

Empreza Automobilista Portuguesa

Principaes victorias dos automoveis DARRACQ em 1902

Concurso de «consommation» de l'Auto-Velo

5 MARÇO — Marcellin 1.º «voitures légères» e 1.º da classificação geral.

Semana de Nice:

7 ABRIL — Corrida de encosta da Turbie 15,500 kilometros:

1.º Gabriel	en 16 ^m 50 ^s .	$\frac{3}{5}$	} Em <i>voitures légères Darracq.</i>
2.º Edmond	» 17 39	$\frac{2}{5}$	
3.º Baras	» 17 46	$\frac{2}{5}$	
4.º Marcellin	» 17 49	$\frac{3}{5}$	
5.º Renaux	» 18 36	$\frac{3}{5}$	

Guillaume 1.º des «voiturettes» em 20^m. 20.^s em «voiturette» DARRACQ.

Record da Turbie

8 ABRIL — Gabriel estabelece o record em 15 m. 46 s., ba-

tendo todas as carruagens de todas as cathogorias á velocidade de 60 kilometros á hora em «voiture légére» DARRACQ.

Corrida da milha

1.º Baras	en 1 ^m .	18 ^s .	$\frac{2}{5}$	} Em <i>voitures légères Darracq.</i>
2.º Renaux	» 1	19	$\frac{1}{5}$	
3.º Marcellin	» 1	20	$\frac{4}{5}$	
4.º Gabriel	» 1	24		

Corrida do kilometro

1.º Baras	en 42 ^s .	} Em <i>voitures légères Darracq.</i>	
2.º Marcellin	» 43		$\frac{2}{5}$
3.º Renaux	» 43		$\frac{8}{5}$
4.º Gabriel	» 45		$\frac{4}{5}$

Record do mundo do kilometro para «voitures légères»

Baras em 35 segundos $\frac{1}{5}$, seja velocidade de 103 kilometros á hora em «voiture légére» DARRACQ.

«Coupe de Caters»

14 ABRIL — 1 kilometro em subida de 9 a 14 $\frac{0}{10}$ «départ arrêté».

Baras em voiture légére DARRACQ em 1^m. 3^s. *batendo todas as carruagens a petroleo.*

16 ABRIL —

Records du Salon

Baras percorre os 10 kilometros em 6^m. 14^s. $\frac{2}{5}$. Velocidade 95 kilom. á hora. — Gabriel percorre os 100 kilometros em 1^h. 6^m. 15^s. $\frac{4}{5}$. Velocidade de 90 kilom. á hora. — Em «voiture légére» DARRACQ.

Circuito do Norte a alcool

Marcellin é classificado o primeiro das «voitures légére» sobre «voiture légére» DARRACQ. 920 kilometros em 13 h. 9 m. 22 s. $\frac{3}{5}$.

Meeting de Bezhill (Inglaterra) 1 kilometro

1.º Baras — 2.º — Fermery — 3.º Edmond — 4.º Collins. — Todos em «voitures légères» DARRACQ. Baras cobre o kilometro em 42 s. $\frac{1}{5}$, *batendo assim todas as carruagens a petroleo.*

Corrida da America

30 MAIO — New-York. Corrida das 100 milhas *sem paragem.*

1.º La Roche — 2.º Ch. Cooke — Sobre «voitures légères» DARRACQ.

Corrida da subida de Roma

1.º Bargnoni — 2.º Latini — Em «voitures légères» DARRACQ.

Paris-Vienna

26, 27, 28 e 29 JUNHO — Classificação geral. 2.º Edmond em DARRACQ.

Categoria «voitures légères», entre os 5 primeiros 4 timonavam carros DARRACQ.

2.º Edmond em 16 h. 12 m. 33. s. — 3.º Baras em 17 h. 17 m. 52 s. — 4.º Hemery em 17 h. 28. m. 28 s. $\frac{3}{5}$ — 5.º Marcellin em 17 h. 45. m.

18 s. — 8.º Collins em 19 h. 19. m. 35 s. $\frac{3}{5}$. — Todos em «voitures légères» DARRACQ.

Edmond recebe o *premio de honra* do principe Palavicini

Categoria das carruagens a alcool

1.º Baras 2.º — Marcellin — 3.º Collins. — Sobre «voitures légères» DARRACQ.

Categoria voiturettes, pesando menos de 400 kilos.

1.º Guillaume em 18 h. 54. m. 50 s. sobre voiturette DARRACQ.

Corrida do kilometro e da milha em Vienna

1 JULHO — O kilometro, «départ arrêté» em 47 s. 7, por Baras 1.º — A milha, départ arrétté» em 1 m. 8 s. por Baras 1.º — Sobre «voiture légére» DARRACQ

Corrida da encosta de Lafrey (6.500 klm. em rampa de 9 a 13 $\frac{0}{10}$)

20 JULHO — Categoria «voitures légères».

1.º Armand Masselin em 10 m. — 2.º Hemery em 10 m. 21 s. $\frac{2}{5}$ — Em «voitures légères» DARRACQ.

Na classificação geral Manselin é o 1.º classificado das carruagens de todas as cathogorias.

«Meeting» de Welbeck Park (Inglaterra, 1 kilometro)

7 AGOSTO — Corrida «omnium» dos vehiculos os mais veloses.

As «voitures légères» DARRACQ, chegam assim agrupadas: 2.^a Edmond em 45 s.; 3.^a Papillon em 46 s. $\frac{1}{5}$; 4.^a Wehilé 47 s.

Corrida na pista circulatoria de Brighton Beach

(Estados Unidos d'America, 5 milhas)

23 AGOSTO — Voitures légères 1.^a La Roche sobre «voiture légère» DARRACQ.

Corrida na Pista circulatoria de Frankfort sur Main !Alemanha!

31 AGOSTO = Categoria voiturettes 1.^a sobre «voiturette» DARRACQ.

Categoria voitures légères 1.^a — Categoria voitures légères 2.^a — Categoria voitures légères 3.^a — Sobre «voitures» légères DARRACQ.

Corrida de Longchamp (1 kim. «arreté»)

2 SETEMBRO — Baras, apesar d'uma moderação forçada, é o primeiro a chegar, batendo todos os vehiculos a petroleo, sobre «voiture légère» DARRACQ.

«Meeting» da Provença

14 SETEMBRO — Categoria «voiture légère» — 1.^o Henry — sobre «voiture» DARRACQ.

Record Munich-Berlin em 18 h. 30 m. sobre «voiture légère» DARRACQ.

Corrida da encosta de Gaillon (1 kilometro)

21 SETEMBRO — Baras em 46 s. $\frac{3}{4}$ 1.^o das «voitures légères» a petroleo sobre «voiture légère» DARRACQ.

Record Mayence-Dusseldorf (Alemanha)

22 SETEMBRO — Em 4 h. 30 m. sobre «voiture légère» DARRACQ.

Corrida d'encosta Heidelberg-Koenigsstuhl (Alemanha, 7,800 kilm.)

27 OUTUBRO — Henri Opel sobre «voiture légère» DARRACQ chegou primeiro em 10 m. 15 s. batendo todos os seus concorrentes.

CORRIDA FIGUEIRA-LISBOA

27 OUTUBRO — Edmond hors concours, chega com uma hora de avanço sobre todos os concorrentes. Barros é classificado o 1.^o na categoria «voitures légères» ambos em «voiture légère» DARRACQ.

Successos sportivos da motocyclette WERNER

MEDALHAS DE OURO E PRATA NA EXPOSIÇÃO DE 1900

A motocyclette **WERNER** ganhou sempre todas as grandes corridas sem excepção

Paris-Vienna (1:500 kil.): 1.^o e 2.^o premios e a «Coupe de Régularité»; — Paris-Berlin (1:200 kil.): 1.^o premio; — Paris-Bordeaux (558 kil.) 1.^o e 2.^o premios; — Circuito du Nord (928 kil.): 1.^o premio e medalha de ouro; — Concurso da Exposição (800 kil.): 1.^o premio e medalha de ouro; — Volta á Hollanda (516 kil.): tres primeiros premios; Criterium de Provence (120 kil.): 1.^o premio.

Todos os primeiros premios em: Nice-Marselha, Paris-Roubaix, Tour de Inglaterra (1:500 kil.).

Enfim a motocyclette **WERNER** ganhou cerca de 100 primeiros e segundos premios nas outras corridas menos importantes.

A motocyclette **WERNER** possui todos os records de velocidade em estrada a partir d'uma milha (1:609 m).

EM PORTUGAL

Corrida do jardim zoologico 1.^o e 2.^o premio. — Corrida no hypodromo de Belem 1.^o premio. — Record-Porto-Lisboa oferecido a sua alteza o sr. infante D. Afonso. 336 kil. em 11 h. 26 m.

Apesar da chuva a distancia Coimbra-Lisboa é percorrida em menos uma hora que no dia da corrida Figueira-Lisboa.

MOTOR LURQUIN-COUDERT

APPLICAVEL A QUALQUER BICYCLETTE

Successos sportivos em 1902:

Corrida do «kilometro» em honra do shah da Persia no bosque de Bolonha 1.^o premio.

Campeonato das subidas de Chateau-Thierry e Guillon 1.^o premio (45 á hora em rampa de 10 por cento). Motor a um cylindro. Deauville 2 premios.

Concessionarios em Portugal

✠ LEÃO MOREIRA E TAVARES ✠
COIMBRA